

Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação

MULHERES AVIEIRAS – PORTA-VOZES DA MEMÓRIA DE UM POVO

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre na área de Educação
Social e Intervenção Comunitária

Mestranda: Maria de Lurdes Véstia

Orientador: Dr. Luís Vidigal

Coordenador de Mestrado: Doutor Paulo Dias

2013

Conteúdo

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	7
Résumé	8
Apresentação.....	9
Capitulo 1 - Fundamentação teórica	13
1.1 - O Património Cultural Imaterial	13
1.2 - Contextualização histórica do estado das pescas em Portugal - século XIX-XX.....	14
1.3 - As origens das comunidades Avieiras do Tejo	21
1.3.1 - O rio Tejo.....	21
1.3.2 - Causas e consequências das migrações internas dos pescadores do litoral norte de Portugal	22
1.3.3 - Migração da Praia da Vieira para o rio Tejo	26
1.3.4 - A vida nas comunidades Avieiras da Borda-d'Água Tagana	28
1.3.5 - Assentamentos Avieiros.....	29
1.4 - Avieiro sem alcunha não é Avieiro.....	31
Capitulo 2 - Metodologia	33
2.1 - Público-alvo	33
2.2 - História de vida	34
2.3 - Observação-Participante.....	37
2.4 - Investigação e análise documental	38
2.5 - Materiais e Instrumentos.....	40
2.5.1 - Inquérito por entrevista	40
2.6 - Procedimentos	42
2.6.1 - A gravação das narrações	42
2.6.2 - A transcrição das gravações.....	43
2.6.3 - A análise dos dados recolhidos	43
Capitulo 3 – Resultados e Discussão	45
3.1 – A narração de cada uma.....	45
3.1.1 – Aldeia Avieira do Touco.....	45
3.1.2 – <i>Iria do Touco</i>	46
3.1.3 – A história de Iria	46

3.1.4 – Aldeia Avieira da Barreira da Bica	50
3.1.5 – <i>Emília da Bica</i>	51
3.1.6 – A história de Emília	52
Capítulo 4 – Mulheres Avieiras - Porta-vozes da memória de um povo.	57
4.1 - Mulheres pescadoras da Vieira	57
4.2 – Cerzindo as duas narrações	58
4.2-“Retrato” das duas protagonistas enquanto mulheres representativas das memórias da comunidade Avieira	68
Conclusões.....	70
Notas finais.....	73
Bibliografia.....	74

Anexo de Fotografias	77
Anexo I	83
Anexo II.....	86
Anexo III.....	89

Índice de Quadros

Quadro 1.....	28
Quadro 2.....	37

Fui embalada pelo Tejo,
Nunca o poderei esquecer,
Eu nasci filha do Tejo,
Serei dele até morrer.

Sim! Sou filha de Avieiros!
Não renego o meu nascer,
Eles foram meus Doutores,
Mesmo sem saberem ler,

Deles herdei o carinho,
A ternura, e os amores,
Este jeito de viver,
E sei que tenho valores que muitos queriam ter."

Odete Fernandes (Lobo)
Mulher Avieira de Azinhaga (Golegã)

Agradecimentos

Neste momento de imensa alegria agradeço...

À minha família por ter acreditado em mim.

Ao Dr. Luís Vidigal, da Escola Superior de Educação de Santarém, a tutoria que prestou e as facilidades concedidas para a elaboração deste trabalho.

Ao Coordenador do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, Doutor Paulo Dias, por todos os esclarecimentos prestados e conhecimentos partilhados e pela inteira disponibilidade que sempre demonstrou quer como Professor quer enquanto conselheiro e amigo.

Aos/Às Professores/as que tornaram possível esta minha caminhada até ao Mestrado, a todos/as um sincero obrigada pela amizade e afecto que me transmitiram em momentos decisivos da minha vida académica.

Ao Instituto Politécnico de Santarém, a disponibilidade concedida para a investigação dos documentos e utilização de fotos do arquivo bibliográfico existente no Gabinete da Cultura Avieira, com um reconhecimento, muito especial, ao Dr. João Serrano, Coordenador do Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional e da UNESCO, por todo o acompanhamento que prestou enquanto investiguei e pelas reflexões conjuntas que tão preciosas foram para a redacção e concretização deste trabalho. Sem a sua colaboração não teria chegado às “*minhas*” Porta-vozes. Obrigada !!!

Cabe ainda um agradecimento, imenso, às Porta-vozes da Memória Avieira (a quem em momentos de puro egoísmo apelido de “*minhas*”), Dona Iria e Dona Emília, pescadoras Avieiras, que concederam as entrevistas para recolha e análise de dados e com quem aprendi bastante sobre o modo de vida tão peculiar dos Avieiros do Tejo. Para elas um enorme obrigada pela generosidade infinita de me confiarem as suas histórias, memórias e até, por momentos, as suas “*almas*”. Com elas aprendi que só é feliz quem transmite o que sabe e aprende com o que ensina.

A todos/as aqueles/as que, apesar de não estarem mencionados/as aqui, se fizeram presentes na minha vida académica, ajudando-me das mais diferentes maneiras para me refundir naquilo que sou....Muito Obrigada !!!!

“Mulheres Avieiras - Porta-vozes da memória de um povo”

Resumo

O objectivo deste estudo é o de caracterizar os significados que orientaram a identificação de mulheres Avieiras enquanto grupo de Porta-vozes da memória do seu povo. Para tal, realizámos entrevistas individuais a duas mulheres, idosas, de diferentes comunidades.

Gravámos as entrevistas e trabalhamos os dados recolhidos, integralmente transcritos, que foram submetidos a várias leituras e a uma análise temática dialógica, que resultou na construção de significados das histórias de vida de cada uma, e finalmente cerzimos as duas histórias.

Os resultados apurados indicaram que: 1) as histórias das informantes estavam fortemente ligadas a histórias de vida da família e da comunidade, assim como a diferentes noções de tempo e espaço; 2) Estas mulheres transformam-se em Porta-vozes a partir do momento em que são reconhecidas enquanto repositórios e transmissoras de saberes, fazeres e saberes-fazer da comunidade Avieira.

Podemos dizer que as identificações como Porta-vozes da Memória Avieira foram construídas pelos dinamismos que estas mulheres desenvolveram nas suas vidas, nas suas famílias e nas suas comunidades.

Palavras-chave: Histórias de vida; Identificação; Património Cultural Imaterial; Porta-vozes da memória; Significados.

“Avieiras Women - Spokespeople for the memory of a People”

Abstract

The aim of this study is to characterize the meanings that guided the identification of women as spokespeople of the memory of its people. To this end we held individual interviews with two elderly Avieiras fisherwomen of different communities.

After recording interviews and working the gathered data, fully transcribed, we have undergone several readings and a dialogical thematic analysis which resulted in the construction of meanings of life stories of each, and, finally, we sewed the stories.

The results indicate that: 1) the stories of the informants were strongly linked to family and community life stories, as well to different concepts of time and space; 2) these women become spokespeople from the time they are recognized as repositories of knowledge, and knowledge-hands on of the Avieira community.

We can say that their identification as spokespeople of the Avieira memory was built by the dynamics that these women have developed in their lives, families and communities.

Keywords: Life stories; Identification; The Intangible Cultural Heritage; Memory spokespeople; Meanings.

"Femmes Avieiras – Porte-parole de la mémoire d'un peuple"

Résumé

Le but de cette étude c'est de caractériser les significations qui ont guidé l'identification des femmes Avieiras comme un groupe de porte-parole de la mémoire de son peuple. À cette fin, nous avons interviewé deux femmes âgées, de différentes communautés. Nous avons enregistré les entrevues et les données recueillies, intégralement transcrites, qui ont fait l'objet de diverses lectures et une analyse thématique dialogique, qui a abouti à la construction de significations des récits de vie et enfin on a articulé les deux histoires qui nous avons travaillé. Les résultats indiquent que: 1) les récits des informateurs étaient fortement liés à des récits de vie de famille et des communautés, ainsi que à des différents concepts de temps et l'espace; 2) Ces femmes se transforment en porte-parole au moment où elles sont reconnues, en tout en transmettant des savoirs et des référentiels de connaissances, de pratiques et de connaissances communautaires Avieira. Nous pouvons dire que l'identification comme porte-paroles de la mémoire Avieira a été construite par la dynamique que ces femmes ont mise au point dans leur vie, dans leurs familles et leurs communautés.

Mots-clés: Histoires de vie; Identification; Patrimoine culturel immatériel; Porte-paroles de la mémoire; Significations.

Apresentação

“Mulheres Avieiras – Porta-vozes da memória de um povo” contempla a preservação e a interpretação do património imaterial das comunidades piscatórias Avieiras a partir da história de vida de duas pescadoras, Iria Fragata Grilo, por alcunha “*Iria do Touco*” que lhe foi atribuída após o casamento, e pelo facto de ter ido viver para a aldeia Avieira do Touco no município de Alpiarça, e Emília Branha Lameira, conhecida como “*Emília da Bica*” natural da Barreira da Bica, freguesia de Vale de Figueira, município de Santarém, onde sempre viveu.

Este estudo pretende caracterizar os significados que orientaram a identificação destas mulheres Avieiras enquanto grupo de Porta-vozes da memória do seu povo.

O património imaterial, pela sua natureza essencialmente efémera torna-se altamente vulnerável, uma vez que toca cada aspecto da vida de um indivíduo e integra todos os materiais da sua herança cultural, artefactos, costumes e paisagens. Tudo aquilo que é criado pelo Homem é um produto do seu talento e criatividade, que permite conhecimento, seguro e reprodutivo, e habilidade para ser realçado e transmitido de uns para outros, de geração em geração. O património imaterial representa, para muitas populações, a fonte vital de uma identidade profundamente enraizada na história. A filosofia de vida, os valores, os códigos morais e as maneiras de pensar, transmitidos pelas tradições orais, pela língua, usos e costumes, constituem as bases da vida em comunidade, tal como é reconhecido pela Unesco na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial e está inscrito na Recomendação de Paris de 17 de Outubro de 2003.

A presente dissertação de mestrado insere-se num percurso investigativo que se iniciou com o trabalho final de licenciatura, em Animação Cultural e Educação Comunitária, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, “*Avieiros - Dores e Maleitas*”. Durante os estágios finais da licenciatura desenvolveram-se processos investigativos que permitiram explicar, compreender ou interpretar, por correlações diversas, realidades e fenómenos vividos pelos pescadores Avieiros e seus familiares, quando acorriam ao Hospital de Santarém na procura de remédio para as suas moléstias. Terminada

a licenciatura, depressa se compreendeu que a investigação realizada e as problemáticas que emergiram exigiam que se encetassem novos percursos investigativos, pois durante a pesquisa foi despontando um conjunto de questões que exigiam respostas que não foi possível obter no âmbito da licenciatura.

O repto que se coloca agora é o de descobrir, de ar corpo a um percurso de vida em que sujeito e realidade se ligam por meio de relações variadas, entender a maneira como se organizaram estas relações, a habilidade e capacidade construtiva destas pescadoras Avieiras para contornar as interdependências (familiares, comunitárias e até discriminatórias) a que estavam sujeitas, investigar as transformações pelas quais passaram ao longo do percurso das suas vidas, a forma como se apropriaram das vivências, as emoções, os afectos, os sentimentos e outras dimensões relacionais.

A pertinência da dissertação de mestrado aqui proposta emana do facto de estudar uma problemática situada temporal e historicamente num período em que são publicadas várias teses e monografias sobre as comunidades Avieiras do Tejo e do Sado, que irão ser incluídas no Dossier de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional, a apresentar à Secretaria de Estado da Cultura e à UNESCO.

O espaço temporal da investigação medeia entre o ano de 1927, quando nasceu Iria do Touco, e o ano de 2012, quando se realizaram as entrevistas para a construção das suas histórias de vida.

De alguma maneira, uma história de vida é sempre individual e única, sendo contada a partir da perspectiva e à luz da vivência do indivíduo que se encontra a narrar a sua história. Ela está, portanto, sempre impregnada da subjectividade inerente ao narrador. Neste sentido, uma história de vida não se constitui como um relato objectivo e exaustivo dos factos ocorridos na vida do narrador, nem extrínsecos a ele. A narração não é nunca uma descrição desapassionada, pelo contrário, é dotada de uma sentimentalidade particular, justamente porque é através dela que o protagonista se reconta e se reafirma como indivíduo diferente dos outros, apresentando testemunhos mediados pela passagem do tempo.

O objectivo geral do estudo das histórias de vida destas mulheres Avieiras, a que apelidámos de *"Mulheres Avieiras - Porta-vozes da memória de um povo"*, foi caracterizar os significados que orientaram a sua identificação

enquanto grupo de informantes privilegiadas da memória do seu povo, por meio da oralidade. O processo de construção desta identidade, que nos propusemos fazer, partindo do pressuposto de que a memória é um processo activo de construção de lembranças sobre si e sobre os outros, passa por preservar as aptidões e técnicas necessárias às manifestações Avieiras, no feminino, consideradas de valor histórico e cultural.

Hoje já se considera que o património cultural imaterial é uma fonte essencial de identidade, profundamente ligada ao passado. Infelizmente, um certo número das suas manifestações, como o traje, a música, a dança, os festejos, certas tradições orais e línguas de âmbito regional, desapareceram ou estão em vias de extinção.

Os objectivos específicos foram traçados pela natureza imaterial do património Avieiro, que incrementa a sua vulnerabilidade, tornando-se urgente:

- 1- Evitar novas perdas;
- 2- Salvar o património imaterial Avieiro mediante registos e arquivos;
- 3- Garantir que aos portadores deste património seja reconhecido o seu saber, fazer e saber-fazer e a sua transmissão para as gerações seguintes, como meio eficaz de preservar o património imaterial Avieiro e uma identidade cultural relevante no contexto do vale do Tejo.

O trabalho foi estruturado segundo a seguinte ordem:

Capítulo 1 - Fundamentação teórica - Faz-se a discussão em torno dos conceitos e relaciona-se com a literatura existente sobre a matéria; apontam-se as causas e as consequências das migrações internas dos pescadores do litoral norte e centro de Portugal; relatam-se as origens das comunidades Avieiras do Tejo; dá-se uma visão do que era a vida nas comunidades Avieiras da Borda d'Água Tagana; refere-se o facto de os Avieiros serem identificados pelas suas alcunhas e explicam-se as razões para as alcunhas de Iria e Emília, enquanto traços identitários específicos.

Capítulo 2 - Metodologia - Apresentam-se os métodos de investigação e os contextos.

Capítulo 3 - Resultados e discussão - Faz-se a apresentação das significações, divididas por grupos temáticos, construídas na análise de cada história de vida, costumes, discriminações, etc.

Capítulo 4 – Considerações finais – Cerzem-se as histórias de vida das protagonistas e “*pintam-se os seus retratos*” enquanto mulheres representativas das memórias da comunidade Avieira.

Finalmente fazem-se as Conclusões.

Capítulo 1 - Fundamentação teórica

O tema da presente tese de dissertação de mestrado foi escolhido pelo facto de existir motivação para o trabalho no contexto do património imaterial e também porque a proponente se encontra a colaborar com o gabinete do Projecto Nacional da Cultura Avieira, do Instituto Politécnico de Santarém, onde participa em linhas de investigação e intervenção e tendo acesso privilegiado a todos os documentos ali existentes.

Desde o arranque da pesquisa, para a elaboração da tese de licenciatura, “*Avieiros – Dores e Maleitas*”, logo se constatou que existiam importantíssimos vestígios culturais, como as casas das aldeias Avieiras (algumas em ameaçadora ruína), os pontões-ancoradouros, os barcos (bateiras, saveiros e caçadeiras), as alfaias e artes de pesca, os trajos, e também saberes, crenças, gastronomia, folclore e sobretudo ainda alguns, mas muito poucos, vestígios vivos de pescadores Avieiros a exercer a sua actividade no Tejo, com forte possibilidade de poderem fornecer uma variedade de informações pertinentes sobre o seu característico modo de vida.

Para a construção deste capítulo apropriámo-nos de alguns dos textos produzidos aquando da realização da tese de licenciatura “*Avieiros - Dores e Maleitas*” com as pertinentes alterações e melhorias consideradas importantes para o aprofundamento do tema.

1.1 - O Património Cultural Imaterial

Para compreender a importância estruturante do Património Cultural Imaterial Avieiro, há que contextualizá-lo com a definição utilizada pela Unesco na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial e inscrita na Recomendação de Paris, de 17 de Outubro de 2003, no artigo 2:

(...) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, e também os instrumentos, objectos, artefactos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante do seu património cultural (...) que se transmite de geração em geração e é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu ambiente, da sua interacção com a natureza e da sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade.

Pela definição apresentada reconhece-se que o património cultural imaterial Avieiro traz associado o conjunto de todos os instrumentos e artefactos utilizados na arte da pesca, os assentamentos palafíticos estabelecidos ao longo do rio Tejo e os “ *indivíduos que se reconhecem como parte integrante do seu património cultural*”, ou seja, os pescadores Avieiros que são a base deste trabalho.

1.2 - Contextualização histórica do estado das pescas em Portugal - século XIX-XX

A primeira metade do século XIX em Portugal foi um período de grande instabilidade política, económica e social. As invasões francesas e mais tarde as revoluções liberais, com as consequentes revoltas, perseguições e exílios, foram circunstâncias adversas que muito contribuíram para acentuar o atraso do país.

O Estado não garantia a segurança dos cidadãos. O país permanecia essencialmente agrícola, praticava-se uma agricultura de subsistência, tecnicamente rudimentar, a área inculta era enorme, os adubos químicos eram pouco usados e a maquinaria inexistente. A indústria era incipiente e tecnologicamente obsoleta e os modos de transformação artesanais eram ainda os dominantes (Villaverde Cabral, 2000, pp. 27 e 145-146).

Encontrando-se o sector das pescas num estado lastimoso, o Rei de Portugal, D. João VI, em 1820, promulga uma portaria com o seguinte conteúdo:

El-rei nosso senhor, considerando o quanto se fazem dignos de favor os pescadores, e que as pescarias, não só devem ser alimentadas para poderem sair do estado de verdadeira inanição em que se acham, mas também que merecem ser favorecidas pelos bons resultados que da sua prosperidade sai consequentes do augmento da marinha marcante e de guerra, e que muito devem ser apreciados em um estado que possui domínios dispersos e alguns de longa extensão de costa: Houve por bem determinar que de 13 de Maio corrente anno de 1820 em diante e emquanto não mandar o contrario, o pescado fresco em Lisboa e em toda a província da Extremadura pague somente meios direitos de qualquer impostos de Siza, dizimas e cestaria, ou qualquer outro que até ao presente devesse pagar. Ficando qualquer donatário por esta sabia medida, que tanto interessa o bem publico, sem acção para pedir compensação. (Franzini, 1821, p.54)

Pretendia assim o Rei promover as pescas e evitar a emigração.

Nesta época, e ao longo do século XIX, os pescadores eram tidos como:

(...) um tipo sem nome, maior que a realidade, de músculos como cordas. A sua missão no mundo é remar. De trilhar o remo ficou curvo, e tem as palmas tão encortiçadas que nelas enfia a navalha como numa pedra de amolar. O mar denegriu-o e engrandeceu-o. Não sabe exprimir-se e mal nos conseguimos entender. Mas não mete medo...e só lhe leio nos olhos ingenuidade (...). (Brandão, 1920, p.51)

O pescador só começou a ser visto como um agente produtivo a partir da altura em que o sector das pescas foi tributado.

Durante o século XIX, o país era basicamente rural, analfabeto, tradicionalista e o clero tinha uma enorme influência na sociedade. As más vias de comunicação e as deficientes condições de transporte inviabilizavam a criação de um mercado interno e a concorrência dos produtos estrangeiros limitava o desenvolvimento da indústria nacional (Pedro Lains, 1986, pp. 413-414).

Os liberais, durante a guerra civil de 1832-1834, que opôs os liberais de D. Pedro aos absolutistas de D. Miguel, através de Mouzinho da Silveira⁽¹⁾ promulgam uma legislação que se consubstanciou na transferência das propriedades, anteriormente pertencentes às ordens religiosas, para uma nova burguesia ligada às actividades financeiras. O Estado Liberal, que tinha como ideal político e económico acabar com os condicionamentos à livre troca de bens e produtos dentro e fora do país, extinguiu as portagens, as licenças de circulação, os monopólios municipais, os privilégios, parte das sisas e as dízimas (Decreto de 26 de Março de 1832).

O pequeno comércio sentia-se oprimido pelos tributos e posturas municipais que restringiam a circulação de bens e lutava com a precária utilização das vias fluviais, para facilitar a livre circulação de bens e produtos. Assim, é promulgado, em 1833, o Código Comercial e são criados os Tribunais Comerciais de Primeira Instância, em Lisboa e Porto (Mendes, 1993, p.54).

¹ - José Xavier Mouzinho da Silveira (1780 -1849) foi estadista, jurisconsulto e uma das personalidades da revolução liberal, operando algumas das mais profundas modificações institucionais nas áreas da fiscalidade e da justiça.

Cabe aqui destacar o artigo nº 19 do Decreto-Lei de 6 de Novembro de 1830, que veio estimular o futuro das pescas em Portugal, dispensando os pescadores de pertencerem às Confrarias, Irmandades e Compromissos assim como do pagamento de dízimas, gabelas, caldeiradas, entre outros.

(...) ficam abolidos de hoje em diante todos os privilégios que possam estar concedidos a alguma pessoa, corporação ou companhia para exercer ou mandar exercer qualquer ramo de pescaria, com a exclusão de todos os mais que o quisessem exercer. Fica portanto livre a todos os portugueses e pessoas legalmente domiciliadas em domínios de Portugal, pescar toda a sorte de peixe e com qualquer armação, rede ou arte, que não seja proibida pela lei geral; salgá-lo, empilhá-lo, secá-lo ou derretê-lo como mais lhe convier. (artigo nº 19 do Decreto-Lei de 6 de Novembro de 1830)

Por via da eliminação de privilégios e de corporações, assim se contribuiu para a liberdade de pesca e a constituição de um mercado nacional. A consequência decorrente desta lei de 1830 passou pelo cadastro do sector das pescas, quer em termos de recursos humanos, quer de infra-estruturas, deu visibilidade ao ofício da pesca e ao pescador e converteu-o em contribuinte fiscal uniformizado, lançando o imposto de 6% sobre os quinhões da pesca de cada pescador (Silva & Regalla, 1888, pp.15 e16).

Após a Revolução de Setembro, mais conhecida por Setembrismo (1836), ⁽²⁾ a rainha D. Maria II foi obrigada a demitir o governo autoritário do Duque da Terceira ⁽³⁾ e nomeou um novo executivo, chefiado pelo Conde de Lumiares ⁽⁴⁾ e composto, entre outros, pelo marquês de Sá da Bandeira ⁽⁵⁾ e Passos Manuel.

² - Setembrismo é a designação dada à corrente mais à esquerda do movimento liberal.

³ - O Duque da Terceira foi herói das Guerras liberais e quatro vezes Presidente do Conselho de Ministros.

⁴ - Conde de Lumiares, José Manuel Inácio da Cunha e Menezes da Gama e Vasconcelos Carneiro de Sousa Portugal e Faro (1788-1849). Em 1836 foi escolhido para presidente do Conselho de Ministros, após a revolução de Setembro, acumulando também as pastas da Guerra e da Marinha.

⁵ - Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo (1795-1876), foi um político português longo na Monarquia Constitucional e um importante líder do movimento setembrista em Portugal. Assumiu

Este Governo adoptou e praticou uma política económica que visava sobretudo o desenvolvimento industrial.

O Ministro Passos Manuel ⁽⁶⁾ foi, sem dúvida alguma, a imagem desta prática política. Para tentar travar o afluxo de produtos estrangeiros e estimular os empresários portugueses, de modo a criar competitividade, promoveu uma política de abertura de mais unidades industriais e incrementou sectores decadentes, atribuindo benefícios fiscais e subsídios bancários e impondo pautas aduaneiras.

Por sua iniciativa reformou-se a educação, abrindo em todas as capitais de distrito estabelecimentos de ensino liceal, assim como escolas industriais e comerciais para a formação de técnicos especializados (Vidigal,1996). Com o intento de propagar internacionalmente a produção nacional, promover as exportações e incentivar o espírito inventivo português, organizou-se em 1838, no Porto, a 1ª Exposição Industrial Portuguesa.

O Setembrismo vigorou até ao triunfo do liberalismo conservador da Regeneração (1851) que depôs Costa Cabral ⁽⁷⁾ e marcou a vida política portuguesa na segunda metade do século XIX.

Este movimento político económico e social teve em Fontes Pereira de Melo ⁽⁸⁾, então Ministro das Obras Públicas, o seu mais importante impulsionador e veio dar continuidade à política anterior, embora com outros

diversas pastas ministeriais e foi por cinco vezes presidente do Conselho de Ministros do seu país.

⁶ - Manuel da Silva Passos (1801-1862), mais conhecido por Passos Manuel, foi bacharel formado em Direito, advogado, parlamentar brilhante, ministro em vários ministérios e um dos vultos mais proeminentes das primeiras décadas do liberalismo, tendo assumido o papel de líder incontestado dos setembristas.

⁷ - António Bernardo da Costa Cabral (1803-1889), conhecido por Costa Cabral, foi ministro do Reino. Durante o seu primeiro mandato, empreendeu um ambicioso plano de reforma autoritária do Estado, lançando os fundamentos do moderno Estado português.

⁸ - António Maria de Fontes Pereira de Melo (1819-1887) foi um dos principais políticos da segunda metade do século XIX.

contornos eliminando o proteccionismo industrial e incentivando o livre cambismo que favoreceu as exportações industriais inglesas e enfraqueceu as manufacturas portuguesas (Pereira, 1971). Por sua iniciativa foi incrementada uma política de incitamento às obras públicas, de desenvolvimento da agricultura e do comércio, e de reorganização da administração pública e do ensino.

Promoveu a ampliação do número de estradas, mandou construir o primeiro troço do caminho-de-ferro que ligou Lisboa ao Carregado e iniciou a construção de outros dois (Vendas-Novas e Sintra). A instalação do caminho-de-ferro em Portugal originou uma grande controvérsia mas foi incontestável para o desenvolvimento e modernização do país. Foram construídos novos portos e os já existentes foram renovados, iniciando-se a revolução dos transportes e das comunicações fluviais ao estabelecerem-se carreiras regulares de barcos a vapor. Antes das vias terrestres e ferroviárias irromperem pelos solos de Portugal, eram as vias fluviais a quem cabia a responsabilidade de comunicação, fazendo a ligação entre a região agrícola e a do litoral marítimo. O telégrafo eléctrico é aberto ao público (1857), os pesos e medidas são uniformizados (1859), a rede telefónica arranca (1882) e os serviços postais são modernizados.

O Governo alcançou a paz social nas cidades e no meio rural através de uma razoável divisão da carga fiscal, do avanço no sistema de crédito, da normalização do pagamento dos vencimentos aos empregados da fazenda pública, na tentativa de fixação da dívida pública, no progresso e alargamento do ensino público, especialmente através da criação do ensino técnico, comercial, industrial e agrícola.

É nos finais do século XIX que se probabilitiza a necessidade de uma protecção dos recursos marinhos, causada pelo processo de industrialização.

Na transição do séc. XIX para o séc. XX, em Portugal, tal como na maioria dos países da Europa, atravessou-se um período de crises políticas, económicas, industriais e tecnológicas, entre outras. A implantação da República, em Outubro de 1910, resultou de um golpe de estado. Após a revolução um governo provisório, chefiado por Teófilo Braga ⁽⁹⁾ que dirigiu os destinos do país até à aprovação da Constituição de 1911, deu início à 1ª

⁹ - Joaquim Teófilo Fernandes Braga (1843-1924) foi político, escritor e ensaísta.

República. Este governo provisório tomou uma medida bastante polémica ao fazer a separação entre o Estado e a Igreja e entre outras mudanças, substituiu o hino nacional e a bandeira.

A participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial, do lado dos Aliados, é também uma referência obrigatória mas os custos desta cooperação foram superiores à capacidade nacional, dando origem a uma grave instabilidade política em Portugal.

Por volta de 1928, estando a situação financeira de Portugal em declínio, foi chamado António De Oliveira Salazar para dirigir as Finanças, inaugurando-se o Estado Novo, com a entrada em vigor da Constituição de 1933, o que veio mudar completamente a vida dos portugueses. Durante este período foi restabelecida a censura, os antigos partidos políticos desapareceram, com excepção do Partido Comunista (na clandestinidade). Durante a 2ª Guerra Mundial, sob o domínio de Salazar, Portugal manteve-se neutro no conflito, tendo assim retirado benefícios económicos.

Em Julho de 1936, o Ministro do Comércio e Indústria, Teotónio Pereira, nomeou Henrique Tenreiro representante do Governo junto do Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau (Garrido, 1999), iniciativa que tinha como objectivo promover a vigilância política naquele subsector da pesca. Durante trinta e oito anos Tenreiro foi o verdadeiro “*senhor*” das pescas, sector em que praticou uma orientação forte, carismática e paternalista. Exerceu esta actividade também nos posteriores grémios das pescas: sardinha (1938), arrasto (1939), baleia (1945) e atum (1960). Desta forma o Governo concebeu a Organização das Pescas, uma rede de organismos corporativos, sociedades mútuas de seguros, cooperativas e secções mercantis e empresariais de grémios de filiação obrigatória e que regulou as pescas marítimas entre 1935-1974. Esta centralização das organizações piscatórias em torno de grémios, presididos pelo mesmo representante do Estado, permitiu a normalização de cada um dos subsectores através do controlo exercido. No âmbito de todas as funções exercidas no organigrama das pescas, Tenreiro foi responsável por um irrefutável estímulo das pescas nacionais através da conquista de projectos de ampliação e renovação das frotas.

Em 1970 é criada, na Europa, uma Política Comum de Pescas - PCP ⁽¹⁰⁾ ocasião em que foi acordado que os pescadores, independentemente do país de pertença, deveriam ter acesso às águas dos demais estados.

Em 1974 dá-se uma reviravolta política em Portugal e o Movimento das Forças Armadas dá início às operações que conduziram ao derrube do regime ditatorial e à sua substituição por um regime democrático/representativo. Em resultado desta modificação política Portugal torna-se membro de facto da União Europeia, a partir de 1986.

A PCP foi reformulada em 2002 e o seu objectivo é garantir o futuro da pesca assentando em medidas de conservação que estabelecem volumes aceitáveis de capturas, limitação do esforço de pesca, medidas técnicas que contemplam regras sobre as artes de pesca e tamanhos mínimos de desembarque para determinadas espécies, obrigação de registar e declarar as capturas e os desembarques e limitar o impacto ambiental das pescarias. Para dar apoio aos objectivos da PCP foi criado um instrumento financeiro, o Fundo Europeu das Pescas, para o período entre 2007 e 2013, que tem como finalidades o fornecimento do apoio necessário às pessoas empregadas no sector e a promoção do desenvolvimento sustentável das zonas de pesca.

Nos anos sessenta, do século passado, nas províncias ultramarinas, rebenta a Guerra Colonial e o país sofre um gigantesco fenómeno de emigração. Os portugueses partem movidos pelo desejo de melhores condições de vida e como forma de fugirem à mobilização militar para as colónias. Nesta altura também muitos pescadores abandonaram o país com destino a vários países nos quais passaram a exercer todo o tipo de actividades. Esta saída de força de trabalho das zonas litorais representou, para muitas comunidades piscatórias, um decréscimo na actividade, mas manifestou-se, após o regresso, em muitas construções novas e em modernos meios de produção como embarcações e artes próprias.

¹⁰ - Reforma da Política Comum de Pescas, in http://ec.europa.eu/fisheries/reform/index_pt.htm, visitado em 09-08-2012.

1.3 - As origens das comunidades Avieiras do Tejo

1.3.1 - O rio Tejo

O rio Tejo sempre foi mais reconhecido pela sua importância geográfica que ao longo dos tempos constituiu um reduto de defesa contra os diversos invasores e uma “*porta*” de entrada no caminho de Lisboa, do que como potencial económico. No entanto, muitos autores são unânimes em realçar a riqueza piscícola do rio Tejo e a sua importância para a economia familiar das populações da Borda d’Água, assim como para o abastecimento às populações das cidades e vilas circundantes.

Nesta óptica, é facilmente compreensível a importância que o Tejo mantinha para as zonas ribeirinhas do distrito de Santarém. A vasta superfície do seu vale fluvial, aliada à fácil navegabilidade, foi essencial no sustentáculo e no desenvolvimento da região e Santarém sempre se arrogou como o mais importante porto do Tejo, através do seu bairro, agora periférico, da Ribeira de Santarém.

A partir do século XVI Lisboa aumentou a sua superioridade económica e as comunidades da Borda d’Água não pararam de crescer em harmonia com o Tejo e com os seus vastos recursos.

O vínculo da região ribatejana com o rio revelou-se tanto a nível económico como social. A diversidade do ecossistema do Tejo permitiu o desenvolvimento de grupos socioprofissionais a ele ligados, como pescadores, cordoeiros, barqueiros (marítimos), tanoeiros, entre outros, e ocasionou o aparecimento de assentamentos ribeirinhos nos seus abrigos fluviais. A estes abrigos chegavam o sal e os tecidos do litoral e deles rumavam a Lisboa minérios, madeiras, vinhos, cereais, azeite, mel e o peixe do rio como o sável, as enguias e as lampreias (Figura 1). Como refere Gaspar (1998) “*o movimento fluvial no rio Tejo era constante*” (p.158) e só com o advento do caminho-de-ferro é que a “*estrada*” do Tejo começa a perder importância como via de transporte fluvial.

Nos finais do século XIX, para além das espécies próprias do seu estuário, ainda havia relativa abundância de barbo, corvina, robalo, linguado, fataça, boga, sável, lampreia, saboga e enguia, como se pode confirmar pelo relatório mandado elaborar pela Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1888,

que indica que “ (...) nos rios Douro, Mondego e Tejo, na época própria, pescavam-se a lampreia e o sável, com grande valor económico, mas já escasseavam algumas espécies sedentárias de água doce que, pela pequena quantidade capturada, pouco valor tinham nas pescas”. Terá sido porventura esta abundância de pesca no Tejo que atraiu os pescadores do litoral norte, que perseguiram os ciclos migratórios de espécies como o sável e a lampreia.

No princípio do século XX o número de pescadores era grande e o Tejo via-se pejado de pequenas embarcações de pesca, mas o uso e abuso de aparelhos nocivos para a pesca, como os botirões, zorros e camaroeiros de arrastar, entre outros, contribuiu para a destruição do peixe miúdo e fez-se sentir numa sensível diminuição de pescado. De modo a ultrapassar esta situação, pelo Decreto nº 15420, de 24 de Abril de 1928 ⁽¹¹⁾, foram proibidas no Tejo as artes de pesca cujos efeitos fossem considerados prejudiciais à conservação das espécies, sendo nomeado um Engenheiro Director que teria a seu cargo as funções de diagnóstico, planeamento técnico e execução das intervenções consideradas necessárias e a coordenação dos trabalhos de policiamento do domínio público hídrico, a desenvolver por mestres e guarda-rios de modo a reprimir os abusos.

1.3.2 - Causas e consequências das migrações internas dos pescadores do litoral norte de Portugal

A escassez de trabalho e a falta de recursos económicos, em determinadas regiões do país propiciou, ao longo da história, registar em Portugal diversos movimentos migratórios internos que levaram as populações a deslocar-se temporária ou definitivamente para outra região, em busca de melhores condições de vida.

Durante anos alguns grupos socioprofissionais viram-se obrigados muitas vezes à mendicidade. É o caso dos pescadores da região norte que, em grande parte, ganhavam os seus meios de subsistência diariamente e viam-se obrigados a esmolar quando o temporal os impedia de pescar por algum tempo.

¹¹ - Diário do Governo - 1.ª Série, Nº 99, de 1 de Maio de 1928, pág. 1088.

Esta situação de miséria cíclica, aliada à escassez do pescado nas múltiplas conjunturas da época, parece ter sido, segundo Alves (1991) “*um dos muitos factores para uma emigração sucessiva da população marítima*” (p.167).

Ao analisar-se a década de 60/70 do século XIX, fica bem patente o fiasco das medidas legislativas anteriormente impostas no sector das pescas e que não foram conducentes a um aumento do seu volume. Estas medidas não contribuíram para a resolução do problema nacional do abastecimento piscícola⁽¹²⁾, nem tão pouco conseguiram estabelecer entre Portugueses e Espanhóis um acesso igualitário aos bancos de pesca. Esta questão convertera-se num assunto urgente pois tinham de se delinear, rigorosamente, áreas de pesca à escala peninsular.

No princípio dos anos 80 a actividade, na costa portuguesa, das embarcações espanholas a vapor munidas de redes de arrasto gerou um crescente mal-estar nas comunidades piscatórias locais que utilizavam métodos de captura menos intensivos e que acusavam aqueles aparelhos de destruírem o leito do mar, a criação e regeneração piscícola e as suas próprias redes de pesca, impedindo assim as pequenas frotas portuguesas de garantir o provimento dos mercados internos e a própria subsistência dos pescadores (Affreixo, 1902, pp 178-183).

O mal-estar instalado gerou conflitos entre grupos de pescadores de Norte a Sul do país em torno da aplicação de artes da pesca. Estes conflitos eram produto da ignorância frente às mudanças técnicas, sociais e económicas e revelavam o atraso tecnológico que existia no sector das pescas em Portugal.

Em 1878 criou-se a Comissão de Pescarias⁽¹³⁾ com a função específica de “*propor os preceitos em que devia estar sujeita a pesca nas costas e rios*

¹² - Na Balança de Pagamentos, observando os mapas estatísticos de 1868, o valor do peixe importado ascendia a 1284 contos até 1880, atingindo o mínimo em 1887, não pela diminuição das importações (aumentaram para 1750 contos), mas pelo aumento das exportações, até atingirem os 1210 contos neste mesmo ano (cf. em Silva, Carlos Augusto de Magalhães e Regalla, Francisco Augusto da Fonseca, 1888, *A organização dos serviços das pescas*, Lisboa, Sociedade de Geografia, p. 15-16).

¹³ - A Comissão de Pescarias é criada por Portaria de 2 de Agosto de 1878. (cf. em Silva, Carlos Augusto de Magalhães e Regalla, Francisco Augusto da Fonseca, 1888, *A organização dos serviços das pescas*, Lisboa, Sociedade de Geografia).

portugueses”, que exercia como mediadora entre os pedidos de concessões elaborados por armadores, empresários, patrões e proprietários individualmente ou em sociedades e que regulamentava segundo as suas atribuições. Paralelamente a esta Comissão foram nomeadas outras, especificamente para os assuntos relacionados com o Algarve, a costa oeste e a área da Ria de Aveiro (Affreixo, 1902, pp 178-183).

Como se pode depreender desta descrição, a escassez do peixe, aliada a outras circunstâncias, reduziu os rendimentos da actividade pesqueira e os homens e mulheres que se dedicavam à pesca e à sua comercialização encontram-se assim na contingência de ficar sem meios de sustento. É por estes motivos que sentem a necessidade de procurar um outro local onde exercer actividades que melhorassem os seus proveitos (Affreixo, 1902, pp 178-183).

Numa fase embrionária as migrações de pescadores oriundos do litoral norte tiveram lugar apenas durante o Inverno, eram migrações pendulares, época em que fugiam da inclemência do mar (Figura 2) e da concorrência dos arrastões espanhóis, em direcção aos Vales do Tejo e Sado, procurando a subsistência nos locais que sempre atraíram populações em busca de melhores condições de vida. Como afirma Salvado (1985) ” (...) *quando o mar lhes nega o pão, partiam para longe*” (p.27). E o Tejo, com a abundância de espécies lucrativas, em que avultava o sável, prometia riqueza, e desde sempre foi o fulcro atractivo desta corrente migratória movida pelas incertezas da vida do mar.

Estes grupos de pescadores, que ficaram conhecidos por murtoseiros (Murtosa), ovarinos (Ovar), vareiros ou varinos (Aveiro, Ílhavo) e Avieiros [Vieira de Leiria (¹⁴)] consoante a zona do país de onde eram oriundos, vinham tradicionalmente desde a região da xávega (¹⁵) até às margens tranquilas e férteis dos rios Tejo e Sado, deslocando-se de barco, diligência, comboio, carroça e muitos a pé. Sabe-se ainda que os angariadores iam contratá-los

¹⁴ - A zona envolvente à Praia da Vieira era conhecida, em 1808, como “*Avieira*” (Amorim, 1997).

¹⁵ - A xávega é uma técnica de pesca de arrasto onde se pratica o cerco ao peixe com uma rede que varre o fundo arenoso, sendo puxada, depois da faina, a pulso pelos pescadores e mulheres, ou por bovinos, para o areal.

muitas vezes directamente para fazerem as companhas do Tejo e eram depois conduzidos para a Borda-d'Água nas próprias camionetas de transporte do peixe (Baldaque da Silva,1891).

Estas gentes utilizavam, no Tejo e no Sado, artes de pesca idênticas às usadas nos seus locais de origem. O sável era capturado com uma rede designada “saveira”, análoga às redes de arrasto usadas no rio Lis ou no Atlântico, mas com as necessárias adaptações.

Baldaque da Silva (1891) refere:

(...) quarenta barcos varinos, denominados batis-batis, tripulados por oitenta homens, número medio d'estas embarcações, que do districto de Aveiro emigram para o Tejo; trinta barcos ilhавos, tripulados por quatrocentos e cincoenta homens, que depois da pesca costeira à tarrafa, vão pelo rio acima para a pesca do savel (...) e vinte barcos de pesca que ha nas povoações marginaes de Villa Franca para montante, geralmente com dois homens cada um (p.87).

Estes fenómenos migratórios, enquanto acontecimentos socioculturais e económicos, importantes e transversais a toda a sociedade portuguesa captaram a atenção de vários autores, como foi o caso do escritor neo-realista Alves Redol (¹⁶). O seu livro *Gaibéus* (¹⁷) retrata a realidade dos jornaleiros do médio Tejo e da Beira Baixa que, durante as mondas, se deslocavam para trabalhar na zona da Lezíria, e mais tarde o seu livro *Avieiros* relata o quotidiano de uma família de pescadores, oriundos da Praia da Vieira, que habitam na margem do Tejo, mais concretamente no assentamento Avieiro da Palhota, município do Cartaxo.

Como refere Vidigal (2012), na prefacção do livro “*Avieiros-Dores e Maleitas*”, o movimento histórico da migração genericamente designada de “*Varina*” marcou a vida ribeirinha de Lisboa e da Lezíria do Tejo nos anos de

¹⁶ - Redol, António Alves (1911 - 1969) foi um escritor considerado o expoente máximo do neo-realismo português.

¹⁷ - Segundo Redol (2011, p.25) “*um povo resignado que luta afincadamente durante o tempo quente, antes da chegada do Inverno, em condições extremas para fazer render os poucos cobres que lhes pagam por tamanha dureza*”.

1850-60, com proveniência genérica da costa Norte portuguesa, de Aveiro, de Ílhavo e da Figueira da Foz.

Na investigação realizada para o estudo *“Avieiros-Dores e Maleitas”* detectou-se que os casos de origem atribuídos à Marinha Grande (município em que se integram a freguesia da Vieira e o lugar da Praia), atingiram o seu pico na década de 1850, dando depois lugar a uma mais fina identificação da naturalidade, ganhando primazia a freguesia e a Praia da Vieira. Assim, aquele movimento secular de pescadores nortenhos passa a ser excedido pela dinâmica migratória, inicialmente pendular, tendencialmente permanente dos naturais da Praia da Vieira, ainda que esta tenha diferentes ritmos de fixação.

O movimento migratório pendular de Varinos e de Avieiros diminui progressivamente, sendo ultrapassado por volta da década de 1910 pelos casos dos filhos e netos de migrantes oriundos da Praia de Vieira, já nascidos e agora permanentemente estabelecidos nas aldeias ribeirinhas, crescendo sempre o seu número até ao auge dos anos 50 do século XX, momento a partir do qual os factores sociais de mudança exercem a sua acção imperativa, a par da crise da pesca, afastando cada vez mais os avieiro-descendentes da faina familiar tradicional, o que implicou a regressão demográfica e o envelhecimento das comunidades piscatórias Avieiras.

1.3.3 - Migração da Praia da Vieira para o rio Tejo

Um dos movimentos migratórios interno mais importante no país foi o dos pescadores oriundos das praias que se estendem de Espinho a Vieira de Leiria, da chamada zona da Gândara. As migrações de pescadores da Praia da Vieira para o rio Tejo e Sado ocorreram essencialmente em finais do século XIX e na primeira metade do século XX.

A migração pendular dos Avieiros para as regiões da Borda-d'Água Tagana ficou a dever-se principalmente, como tantos outros, à necessidade de abonarem melhores condições de vida para si e para os seus, como afirma Soares (1986):

(...) vinham em Novembro, trazidos pela penúria. Anónimos e tímidos se achegavam às margens do Tejo. Na época de vaivém entre a praia e a lezíria, moravam nas pequenas embarcações de proa alta, quer durante a

faina, quer acostadas. O barco era o berço, a câmara nupcial, a oficina e a tumba (p.7).

Estas migrações, entre a Praia da Vieira e a Borda-d'Água, são referenciadas por Santos (1959) da seguinte forma:

(...) não são de modo nenhum as famílias de pescadores mais necessitadas de Vieira que vivem esta vida errante. Muito pelo contrário, são aqueles que têm dinheiro para viagens tão longas. Pode dizer-se que actualmente para os Avieiros passar um verão em Vieira é um luxo, como passar um inverno no Tejo o é igualmente, na maior parte dos casos, para os que ficaram junto do mar (p.39).

Com o fim das companhas fluviais do sável, lampreia, robalo e enguia, os Avieiros regressavam à Praia da Vieira, mas a fraca subsistência garantida pelo mar durante o estio, fazia-os tornar cada vez com mais frequência ao rio Tejo e talvez por isso, no seu livro “Avieiros”, Alves Redol os alcunhe de “*ciganos do rio*” provavelmente por esta situação de nomadismo e precariedade a que eles estiveram sujeitos durante anos.

Os pescadores Avieiros sondavam o rio e pescavam, lança após lança, inúmeros sáveis, o que atesta a fartura da espécie na época. Quando não pescavam sável apanhavam enguia, percorrendo todos os afluentes e valas do rio Tejo. Como refere Baldaque da Silva (1891) “(...) *em determinadas épocas do ano é muito importante a pesca que se faz no rio Tejo, não só em todo o estuário do rio, desde a embocadura até Valada, mas também para cima, até muito a montante de Abrantes*” (p.98).

Este movimento que começou por ser sazonal posteriormente levou ao assentamento em várias áreas marginais ao rio, onde construíam palheiros palafíticos, à semelhança dos da Praia da Vieira.

Na década de 1870 emergem, nas margens direita e esquerda do Tejo, as Caneiras (Santarém) e o Patacão (Alpiarça) e na década seguinte, Vale Figueira (Santarém) e os assentamentos de Almeirim. Porto de Muge (Almeirim) referencia-se na década de 1890 e S.Vicente do Paúl (Santarém) já na de 1910. Tratando-se de movimentos seculares, as datas não surgem aqui como fundacionais das aldeias, pois estas são passíveis de ciclos de “ocupação-abandono-retoma” nas suas variantes possíveis e ao longo do tempo.

Identifica-se igualmente um sentido de progressão Norte-Sul. A montante (e possivelmente na sequência de prévios assentamentos no Médio-Tejo), nascem nas décadas de 1850 a 1870 as comunidades piscatórias dos municípios de Constância, V.N. da Barquinha, Golegã e Chamusca que, a partir de então, permanecem com um carácter residual, denotando talvez a predominância de migrações temporárias e depois a jusante, emergem a partir da década de 1910, as comunidades ribeirinhas dos municípios de Alpiarça, Almeirim e Santarém.

1.3.4 - A vida nas comunidades Avieiras da Borda-d'Água Tagana

As dificuldades encontradas, quer pelas tarefas no rio quer pela vida cheia de complicações, exigiram sempre dos pescadores e dos seus familiares uma dedicação total ao rio e à faina. Esta existência difícil consubstanciou-se na formação de comunidades muito fechadas, com costumes e formas de vida próprias, diferentes e estranhas, relativamente às das comunidades já estabelecidas na Borda d'Água. As suas comunidades estavam, claramente, apartadas como consequência de vários aspectos essenciais como o casamento, o traje, a religiosidade, o folclore, as crenças, as mezinhas, entre outros. Aliás o apodo de "*cigano*" pode também ter surgido pelo facto de os Avieiros, enquanto sociedade fechada e repudiada, terem o hábito (forçado) da endogamia, como forma de protecção, de preservar o conhecimento que tinham das artes da pesca e para darem continuidade às suas tradições.

A forma de estar na vida, que caracterizava os pescadores oriundos da Praia da Vieira, era desconhecida, incompreendida e socialmente marginalizada pelas comunidades locais, e por isso os pescadores migrantes, nos primeiros tempos de fixação nas margens do rio Tejo, tiveram de enfrentar a animosidade dos autóctones, vendo-se obrigados a viver muitos anos dentro dos barcos, apelidados de bateiras ⁽¹⁸⁾, saveiros ⁽¹⁹⁾ e caçadeiras ⁽²⁰⁾ onde guardavam todos

¹⁸ - As bateiras são barcos que têm a proa e a ré em bico e viradas para o céu, medindo entre quatro metros e meio e sete metros. Por fora, são pintadas a pés negro e por dentro com cores vivas e alegres.

¹⁹ - Os saveiros são embarcações de cinco a sete metros de comprimento, utilizadas pelos Avieiros que faziam os seus próprios barcos para garantirem o sustento da família e que têm

os haveres e os instrumentos necessários à pesca. Barcos que eram o seu principal instrumento de trabalho, o seu lar, o meio de transporte e tantas vezes a tumba. Ali trabalhavam, dormiam e comiam. Era também ali que muitas vezes pariam e eram criados os filhos. Na proa era colocado um toldo para servir de abrigo contra as borrascas e era debaixo dele que a família dormia; depois da “*emparadeira*” ⁽²¹⁾, dentro de uma caixa de madeira, era colocado um monte de areia para que pudessem fazer lume e que servia de cozinha; a parte da ré era a oficina da pesca e onde se guardavam as redes. (Figura 3)

Relativamente ao meio ribeirinho, partilhando a mesma pobreza, constituíam um universo reservado, com leis próprias.

1.3.5 - Assentamentos Avieiros

Como já se referiu, os Avieiros, com o decorrer do tempo, foram-se fixando, definitivamente, nas margens do Tejo. São várias as causas apontadas para esta fixação, e como refere Salvado (1985) “ (...) *cá davam-se melhor, porque adoeceram dos pulmões e lhes fazia mal o ar do mar*” (p.31). Com a fixação definitiva, surge a necessidade de encontrar um lar mais estável, resistente e confortável. Pouco a pouco na Borda-d’Água Tagana começam a erguer pequenas barracas totalmente construídas em caniço, e logo que as condições económicas o permitiam começavam a comprar madeira; aos poucos iam construindo as suas pequenas casas em comunidades de características muito peculiares.

Assim se foram, aos poucos, fundando os assentamentos Avieiros. Baldaque da Silva (1981), com base nos dados do Inquérito Industrial de 1890, referencia os seguintes portos fluviais no rio Tejo: Vila Franca de Xira,

vindo a desaparecer dando lugar aos barcos de fibra. Restam, apenas, aos pescadores, as memórias e a transmissão dos legados a outras gentes.

²⁰ - As caçadeiras são embarcações tipicamente portuguesas que eram também conhecidas por canoas do alto. Existiam em quase todos os centros de pesca do país, embora com maior relevância para sul do Cabo da Roca e costa algarvia. Tinham muita quilha à ré, proa arredondada e popa de painel.

²¹ - *Emparadeira* é um amparo de madeira que faz de suporte para os pés quando se rema.

Alcochete, Aldeia Galega, Muge, Santarém, Constância e Abrantes. Por sua vez Micaela Soares (1978) refere no Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa a existência de cerca de oitenta aldeias de Avieiros desde Sacavém até Abrantes.

Véstia e Rafael (2011) após a observação, recolha e processamento de dados nos documentos do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, referenciam a localização de várias comunidades Avieiras no Distrito de Santarém no período entre 1863 e 1957.

Quadro.1

1863 – Ómnias (Santarém)
1871 - Ponte do Vale de Santarém (Santarém)
1871- Patação (Alpiarça)
1872 – Caneiras (Santarém)
1880 - Vala de Almeirim (Almeirim)
1888 – Barreira da Bica (Santarém)
1893 - Porto de Muge (Cartaxo)
1912 - S. Vicente do Paúl (Santarém)
1957 – Touco (Alpiarça)

Fonte: Véstia, L., Rafael, E. (2011) *Avieiros - Dores e Maleitas*, p. 53

As primeiras habitações nas margens do Tejo, semelhantes aos palheiros⁽²²⁾ de Mira (Soeiro de Brito, 1981) e da Praia da Vieira (Figura 4), mais tarde transformaram-se em construções palafíticas⁽²³⁾ elevadas do solo e sustentadas por estacas de madeira ou por estacas de pedra, dependendo da zona onde queriam construir a casa, para as manter acima do limite da água, em época de

²² - A referência mais antiga e conhecida de palheiros em Mira data de 1875 (Soeiro de Brito, 1981). A maior originalidade deste aglomerado de pescadores era exactamente a sua arquitectura de madeira em que as casas chegavam a atingir dois e mesmo três andares, possuindo dimensões não encontradas noutras praias e formando a quase totalidade da povoação até ao final dos anos 60.

²³ - As construções palafíticas são habitações rústicas de madeira, erguidas sobre estacas resistentes e profundamente enterradas.

cheias ou da subida das marés. As cozinhas eram construídas em madeira e exteriores às casas (Figura 5).

Os Avieiros apelidavam as suas próprias habitações de “*barracas*”, sem que isso tivesse um sentido depreciativo, tão-somente pelo aspecto que tinham, todas em madeira e bastante rudimentares. Como refere Redol (2011) “(...) *pequenas, talvez para que as não vissem, ou tímidas para que não as mandassem destruir. Ou pequenas e tímidas por causa dos materiais e das agruras do tempo*” (p. 195).

1.4 - Avieiro sem alcunha não é Avieiro

Uma, entre muitas, das singularidades dos Avieiros é o facto de quase todos possuírem uma alcunha que lhes é “*arranjada*” em criança e que se mantém pela vida fora, ou então que a vida se encarrega de lhes proporcionar pelas vivências que vão enfrentando. As alcunhas são marcas identitárias que a família Avieira ostenta com orgulho. É uma tradição de que ninguém sabe explicar a sua generalização, mas todos têm um segundo nome pelo qual são conhecidos pelos outros Avieiros. Nas comunidades Avieiras, como em muitas praias de Portugal, as alcunhas são o verdadeiro nome dos pescadores, nasce-se com a alcunha do pai, da mãe, da família, da terra de nascimento ou de adopção, entre outros, acabando em alguns casos, por se transformar em apelido.

Em muitas regiões e povoações existem alcunhas pelas quais são conhecidas e identificadas algumas pessoas, mas talvez não haja região onde tal facto tenha tanta usança como entre os habitantes da Borda d'Água Tagana. Segundo Teixeira (2007), sendo a alcunha uma das formas de referência por “*etiquetagem*”, dos membros de uma comunidade, ela tem cabimento sobretudo em espaços geográficos e demograficamente limitados, de modo a permitir o seu reconhecimento dentro da comunidade. O uso generalizado de alcunhas só possível pela facilidade de memorização, mais do que um elementar substitutivo humorístico ou agressivo do nome ou da designação funcional dos afectados, resulta do carácter social da comunidade. As alcunhas têm na sua génese, quase sempre, uma motivação particular, seja de natureza sociocultural ou económica, seja devido a acontecimentos marcantes.

Para melhor percepção do exposto dão-se alguns exemplos de alcunhas de Avieiros: Manuel Sequeira da Silva foi cognominado de “*Servo*”, pelo facto de ser bastante subserviente, Luís Cosme, conhecido como “*Cosminha*” por ser o filho mais novo da família Cosme, Mário João Petinga responde pelo nome de “*Cientista*” por ser dado às experiências e às reparações domésticas e Manuel João Carriço é apelidado de “*Póri*” porque no atabalhoadado da conversação utilizar esta palavra para abreviar “por isso”.

No caso específico das depoentes, deste estudo, elas são reconhecidas pelas alcunhas de *Iria do Touco* e *Emília da Bica* e facilmente se depreende a proveniência, pela clareza do seu significado, que se prende com o facto de Iria ter aceite como alcunha o nome da comunidade (Touco, Alpiarça) que a recebeu quando se casou e onde fundou a sua própria família, e Emília ter recebido como alcunha o nome da terra que a viu nascer e crescer (Barreira da Bica, Vale de Figueira, Santarém).

Capítulo 2 - Metodologia

2.1 - Público-alvo

Identificaram-se como público-alvo todos os elementos constituintes da comunidade Avieira da Borda d'Água Tagana, tendo-se, no entanto, restringido o estudo a duas mulheres, idosas, pescadoras Avieiras.

Para chegar às duas participantes deste estudo, percorreram-se vários caminhos. Na preparação, durante o mês de Junho de 2012, do 3º Congresso Nacional da Cultura Avieira, o Instituto Politécnico de Santarém e o Gabinete da Cultura Avieira, segundo proposta por nós apresentada, decidiram ser aquele o momento certo para homenagear pescadores Avieiros que, durante o seu percurso de vida, tivessem sido promotores de ensinamentos das aptidões e técnicas que dominam e que são consideradas repositórios de valor histórico e cultural para a comunidade Avieira, com o objectivo de divulgar e preservar esse património (Figura 6).

Durante o 3º Congresso foram promovidos a Porta-vozes da memória Avieira, três homens e três mulheres, que foram criteriosamente escolhidos pela Associação para a Promoção da Cultura Avieira – APCA, baseando a escolha no perfil, percurso de vida dentro da comunidade Avieira, espalhada pela Borda d'Água Tagana, e domiciliados em aldeias distintas. Todos eles apresentavam traços comuns, mesmo não tendo convivência conjunta. Dentre estes, uns mostraram indisponibilidade para serem entrevistados para a elaboração deste estudo e outros não se encontravam em condições físicas para o fazer. Dessa amostra, Iria e Emília mostraram disponibilidade e até algum orgulho pelo facto de alguém se mostrar interessado em conhecer e partilhar as suas memórias e “*heranças*”.

Os indivíduos, considerados beneficiários do resultado do trabalho, foram tratados enquanto pessoas com sentimentos e necessidades específicas e não como objectos passivos e receptores da intencionalidade externa. Levou-se sempre em conta a participação activa da comunidade Avieira, de acordo com o contexto e com a visão da realidade social como um todo. É forçoso dar prioridade à visão e ao ponto de vista do indivíduo a partir da sua vivência quotidiana e não da necessidade do trabalho em curso, de modo a evitar a

segmentação da realidade, geralmente provocada quando os trabalhos não levam em consideração o público-alvo.

2.2 - História de vida

A recolha de dados é uma das etapas que nos permite preparar e aplicar um instrumento, tendo como intenção obter esses dados através de métodos específicos, que têm em conta as características do público-alvo e os objectivos desejados. Tendo em vista as especificidades do objecto de estudo optou-se por uma abordagem qualitativa, uma vez que o propósito é produzir sentidos caracterizadores que surjam da interacção entre a entrevistadora e os informantes.

Os métodos qualitativos em ciências sociais são compostos, essencialmente, pelas técnicas da entrevista e da observação participante, ou seja, são direccionados para procedimentos centrados na investigação em profundidade, conduzida de acordo com procedimentos regulares, repetidos e levados a cabo, sobretudo, em períodos mais centrados no médio e longo prazos. O objectivo destes métodos é o de permitir que a investigação possa recolher e reflectir principalmente aspectos enraizados, menos imediatos, dos hábitos dos sujeitos, grupos ou comunidades em análise e, simultaneamente, possa sustentar, de modo fundamentado na observação, a respectiva inferência ou interpretação dos seus hábitos. Segundo Moreira (1994) “(...) *os dois grandes métodos de obtenção de dados qualitativos são a observação participante ou etnografia, como é hoje cada vez mais designada, e a entrevista qualitativa, em profundidade ou não estruturada*” (p.31).

Dentro da metodologia qualitativa, as abordagens biográficas caracterizam-se por um processo de reviver episódios e por um revisitar da própria vida. A memória é algo presente na existência do Homem, sendo de relevante importância que a sua recuperação seja feita de modo cuidadoso e ético pois pode ser constituída por lembranças vividas a diferentes níveis: da história colhida como memória ensinada (educação escolar); da história recebida oralmente (tradições) e da história como vivência pessoal. É a vivência pessoal que se deve utilizar como fonte de esclarecimento do passado (Vidigal, 1996).

O conceito de “*história de vida*”, conforme Bertaux (1980) é o relato da vida ou de episódios da vida, contados tal como o indivíduo os vivenciou. Por sua vez, Haguette (1992) sugere que o método de história de vida confronta duas ópticas metodológicas, podendo ser aproveitado como documento ou como técnica de captação de dados.

Ao utilizar o método da história de vida o pesquisador não confirma a autenticidade dos factos, pois o importante é o ponto de vista de quem os relata. Este método é um trabalho de pesquisa que se constrói, basicamente, com uma recolha de dados de carácter biográfico, sobre um ou mais indivíduos, sendo que a principal fonte de informação, mas não necessariamente a única, são os próprios.

O conceito história de vida encerra metodologias e métodos muito distintos, quer pelo carácter da presença do pesquisador na recolha de dados, pela análise dos materiais recolhidos ou pelas hipóteses que avalia.

Este método permite recolher informações do percurso de vida de um determinado indivíduo, ou indivíduos, assim como conhecer a sua experiência, prática e óptica, e não há melhor forma do que obter estas informações através da voz do próprio, ou próprios. O processo serve-se da trajectória individual, procurando divisar as informações contidas na vida pessoal de um ou de mais informantes, proporcionando uma quantidade de pormenores sobre o objectivo da investigação. Deve-se portanto dar ao indivíduo liberdade para conversar livremente sobre a sua experiência pessoal em relação ao que é perguntado.

O Homem é, por excelência, um contador de histórias e essa possibilidade fascina-o desde tempos muito remotos, talvez desde a aquisição da linguagem, pois de todos são conhecidos os vestígios deixados quer do ponto de vista da linguagem, visual, ou oral, expressos em hieróglifos, ícones, ex-votos e fábulas.

Apesar de compreender algumas limitações, a história de vida deve ser entendida como um método capaz de produzir interpretações sobre os processos históricos que se reportam a um passado recente, o qual, muitas vezes, só é transmitido por indivíduos que participaram ou testemunharam algum tipo de ocorrência. Quando um indivíduo relata as suas memórias, transmite emoções e vivências que podem e devem ser compartilhadas,

convertendo-as em saber, fazer e saber-fazer, de modo a fugirem do esquecimento.

O método história de vida dá oportunidade de aprender a ouvir aquele, ou aqueles, que vivenciaram a situação que se quer estudar, o que implica considerá-lo como par, alguém que é activo no estudo e que reproduz a sua própria vida; para tanto, deve-se promover uma aproximação com o sujeito, ou sujeitos, do estudo, praticando uma escuta activa e não apenas tratá-los como simples objecto de investigação, numa relação impessoal e distante.

Geertz (1983) destaca que, nos escritos etnográficos, o que chamamos de “*nossos dados*” são efectivamente a nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e os seus conterrâneos se propõem “*mostrar*”. Este facto não está claro na medida em que a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento, uma cerimónia, um hábito, ou o que seja, está sugestionado á partida pela informação generalizada da “*coisa em si*” antes de ser examinada directamente. Assim pode inferir-se que a análise antropológica é uma escolha entre as estruturas de significação e determinar a sua base social e a sua importância.

O realce do autor está na etnografia como uma descrição densa, isto é, o pesquisador está em face de “*uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar*” (p.20), e que se pode observar em todos os níveis de actividade do trabalho de campo: entrevistar informantes, observar rituais, escrever diários de bordo, entre outros. Neste sentido fazer uma monografia descritivo-interpretativa sobre as formas de vida de povos, dos seus usos, costumes, valores e lendas é como tentar ler um documento cheio de incongruências, emendas e comentários, escrito não com os sinais convencionais do som, mas como modelos temporários de um comportamento regulado.

No presente trabalho de pesquisa o ponto de partida da entrevistadora foi a história oral de vida das informantes, que tal como refere Vidigal (1996) pode contribuir para ampliar os estudos da história local, dar um sentido à própria identidade, contribuir para o reforço do sentimento de pertença a uma comunidade e para a interiorização de valores. Com este método de trabalho

procura-se sempre a trajectória de vida desde a sua origem até à sua chegada ao lugar de destino e, sobretudo, as inúmeras dificuldades e peripécias encontradas para se estabelecerem no novo território (inclusão social).

Durante as entrevistas (com perguntas de onde veio, porque veio e quais foram as dificuldades encontradas no novo lugar) a entrevistadora regista as experiências de vida, no que seriam em parte, as suas histórias orais de vida.

2.3 - Observação-Participante

Segundo Quivy & Campenhoudt (2000) *“esta fase do trabalho de observação consiste na construção do instrumento capaz de recolher ou de produzir a informação prescrita pelos indicadores”* (p.31).

A técnica de observação-participante compreende a integração do pesquisador no grupo, ou comunidade, durante um período variável. Neste âmbito, a posição do pesquisador face ao grupo, do ponto de vista da sua relação com ele, introduz condicionantes diferenciadas na investigação. Este método de recolha de dados dá-nos a possibilidade de observar o público-alvo no seu ambiente natural. Na observação-participante o investigador presta atenção aos detalhes do contexto natural em que se desenrola a investigação e focaliza a atenção nas interacções verbais entre os sujeitos pertencentes ao meio. O contacto directo entre o investigador e os participantes, possibilita captar os comportamentos destes, no momento em que são produzidos, sem intermediação de um documento ou de um testemunho (Quivy & Campenhoudt, 2000, pág.83). Segundo Marques (1999), e em termos gerais, a observação-participante implica que o pesquisador, além de observar o grupo, também participe nas suas actividades, que conviva e consiga integrar-se na comunidade ou grupo de análise.

A observação-participante permite-nos estudar um determinado ambiente e registar os dados observados através de notas de campo (Hout,1999) que descreve como: *“o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha (...)”* (p.24). Os utensílios a utilizar na observação-participante podem ser o bloco de notas ou o gravador áudio.

Em virtude do trabalho que exercemos no gabinete do Projecto Nacional da Cultura Avieira encontrámo-nos numa posição privilegiada para recorrer ao

método da observação-participante e fazer a recolha de dados, o que permitiu, não só interagir com as pescadoras Avieiras objecto do estudo, mas também com os seus descendentes, socializando e comunicando. Esta técnica permitiu estabelecer relações e laços afectivos com os indivíduos das comunidades Avieiras de maneira muito natural, sem que tal afectasse muito o curso normal da vivência das comunidades.

Associada à observação-participante, no seu objectivo de observação do grupo e de sistematização dos dados face a objectivos pré-estabelecidos, usou-se a técnica da entrevista semi-directiva e individual.

2.4 - Investigação e análise documental

O presente trabalho manteve-nos sempre em constante pesquisa pois, tanto antes como depois da realização dos registos orais, continuámos à procura de elementos que nos pudessem ajudar a complementar os dados das entrevistas. Para tal fizeram-se recolhas de informação escrita em livros e documentos avulsos existentes no arquivo do Projecto Nacional da Cultura Avieira, em monografias realizadas anteriormente, relacionadas com a temática a trabalhar, pesquisas na internet, o que constituiu uma fonte documental importante, embora este material não tenha sido usado de forma exaustiva. Tratou-se sim de diversificar as fontes de informação, utilizando instrumentos que nos permitissem recolher dados em "*profundidade*" o que contribuiu, em grande medida, para a compreensão dos factos relatados pelas informantes e que constituem o objecto desta investigação.

Com este dispositivo metodológico pretendeu-se cruzar diferentes fontes mas, fundamentalmente, confrontar os dados consultados com os recolhidos nas entrevistas.

A análise do quadro que se segue demonstra a prioridade concedida às técnicas de recolha de informação de fontes primárias, particularmente baseadas na entrevista e na observação-participante, as quais foram accionadas sucessivamente, de forma muito próxima ao que Miles e Huberman (1984) descrevem como sendo característica das abordagens qualitativas:

(...) À medida que coloca as suas perguntas e observa o comportamento dos actores, o investigador recolhe uma série de respostas – todavia

estas são contraditórias, vagas ou ambíguas. Ele vai trabalhar essas contradições conversando com outros actores, tornando a trocar impressões com o primeiro grupo de entrevistados, confrontando um dos seus informadores principais com os dados discrepantes, tornando a examinar o conjunto das informações na presença de um colega, etc. No decurso da etapa seguinte da pesquisa, irá formular uma nova série de questões, alargar a sua amostra, efectuar novas observações e recolher novos documentos. Pouco a pouco as respostas tornar-se-ão mais consistentes e mais integradas. Ao mesmo tempo verificará que sobressaem certos temas importantes, *leitmotiv* ou factores chave que surgem com frequência nas respostas às questões e nas explicações prestadas pelos actores. São estas as principais variáveis independentes, as que antecipam e mediatizam os efeitos observados (p. 240-241).

Depois de escolhidos os dispositivos metodológicos a utilizar no estudo construímos as categorias e os indicadores a explorar e que sintetizamos no quadro abaixo.

Quadro.2
Problematização/Hipóteses

Características	Dimensões a averiguar
Identidade	Chegada à Borda-d'Água / a vida do dia-a-dia / mudança para outras aldeias Avieiras e razões.
Estrutura familiar	A família / n.º de pessoas por família / n.º de filhos.
Trabalho no feminino	Complementaridade do trabalho dos membros do casal / trabalho das mulheres: remar – deitar redes – pescar – ajudar nas safras – cozinhar (onde, quando, como, o quê) - ter filhos e cuidar deles / trabalho rural / venda de peixe / como se deslocavam para o mercado.
Relações familiares	Liberdade / namoro / aproximação entre os jovens casais / aprovação ou desaprovação das famílias / idade para namorar / idade para casar / as relações sexuais eram permitidas antes do casamento / voz das mulheres na família.

Relações Sociais	Com autóctones / voz das mulheres na comunidade / amizades / inimizades / desconfianças / quezílias / disputas.
Práticas Religiosas	A religião e os cultos / eram praticantes / frequentavam a igreja nalguma altura festiva / como celebravam o Natal / como celebravam as festas cristãs / a igreja interessava-se por eles / receberam alguma vez a visita de padres/ outras práticas religiosas.
Saúde	Cuidados de saúde / precariedade dos cuidados / maternidade e o cuidado dos filhos / morte.
Terapêuticas Populares	Tradição / práticas aprendidas / conhecimentos partilhados.

2.5 - Materiais e Instrumentos

Os materiais utilizados foram instrumentos de registo escrito, uma esferográfica e um lápis, um gravador e fitas para gravação em áudio.

Como instrumentos, foram utilizados um termo de consentimento (Anexo I) e duas entrevistas semi-directivas (Anexo II) construídas segundo os tópicos definidos pelo Projecto Nacional da Cultura Avieira, cujo guião se encontra em Anexo III.

2.5.1 - Inquérito por entrevista

Durante muito tempo a Antropologia, a Sociologia e a História privilegiaram a observação como única forma de obter dados científicos e só nas últimas décadas ganhou importância o “*ouvir*”, na obtenção de dados empíricos, como forma de valorizar a voz dos que têm conhecimento sobre as suas vidas e experiências dando assim “*voz aos sem voz*”.

Se o objectivo for a análise de histórias de vida deve utilizar-se um método de entrevistas extremamente aprofundado e pormenorizado, aplicado a poucos interlocutores; sendo assim, estas deverão ser muito mais longas e divididas em várias sessões. Regra geral, para a realização de uma história de vida, utilizam-se inquéritos por entrevista, cujo objectivo é o de refazer o trajecto de vida da pessoa, ou etapas específicas desse mesmo percurso, de acordo com critérios pré-determinados pelo pesquisador. A vida do indivíduo não tem de

ser completamente narrada, por vezes, procura-se organizá-la em torno de episódios, ou de um dado recorte temporal.

Esta metodologia de investigação baseia-se num diálogo entre duas pessoas, ou entre uma pessoa e um grupo, de modo a fazer uma recolha de dados. Para Quintas e Castaño (1994) a entrevista é *“un método de investigación y descubrimiento mediante el proceso de un hábil interrogatorio”* (p.19) que tem a função de obter e facilitar a informação, influir sobre certos aspectos de conduta, como opiniões, comportamentos ou sentimentos. Já segundo Quivy e Campenhoudt (2000) a entrevista tem como principais vantagens o grau de profundidade que se consegue obter dos elementos em análise e a flexibilidade e a fraca directividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores. Para Vidigal (1996) *“a entrevista favorece a expressão livre e a recolha de dados pessoais significativos, e é muito mais rica na captação de vivências, mas prejudica a pesquisa em termos de tempo e da homogeneidade dos objectivos, e da possibilidade de comparar os dados”* (p.53).

O facto de a entrevista decorrer frente-a-frente, e de a conversa poder ser conduzida e orientada pelo investigador, facilita que o depoente expresse percepções, relate acontecimentos e experiências e que o investigador consiga centrar os seus esforços nas hipóteses de trabalho. Assim e segundo Quivy e Campenhoudt, (2000) *“(...) o conteúdo da entrevista será destinado a testar as hipóteses de trabalho”* (p.192).

Quando se realiza uma entrevista, o entrevistado encontra, na sua frente, alguém com quem pode trocar impressões sobre a sua vida. É um momento no qual as memórias são ordenadas com a intenção de conceder, com a ajuda da fantasia ou da nostalgia, um sentido à existência de quem narra a sua história.

O facto de terem *“armazenado”* muita informação, vivências e saberes construídos ao longo da vida, faz dos idosos informantes privilegiados e fundamentais para a continuação da comunidade.

Ao longo do presente estudo houve necessidade de realizar vários contactos informais com as depoentes para nos ambientarmos mutuamente e para estabelecer um elo de empatia de forma a esbater desconfianças e retraimentos. Estes contactos foram bastante facilitados pelo facto de nos

reconhecemos de momentos já vividos em comum, em determinados eventos, e da aceitação que tivemos por parte das comunidades.

2.6 - Procedimentos

2.6.1 - A gravação das narrações

Para concretizar este método de investigação foi utilizado, como recurso, o gravador o qual, para além de ser bastante prático, foi fundamental pois preservou e registou todos os detalhes dos discursos, assim como permitiu que a entrevistadora tenha ficado mais disponível para prestar melhor atenção ao depoimento e à linguagem não-verbal que as informantes produziram.

A construção dos dados aconteceu em dois encontros individualizados, entre Julho e Setembro de 2012.

Logo no primeiro encontro, ainda antes de começar a gravação, foi lido em voz alta o termo de consentimento. Este termo contém a identificação da entrevistadora, os objectivos da pesquisa, a concordância na gravação da entrevista e utilização dos dados recolhidos para o uso que deles se irá fazer (Anexo I).

Finalmente, solicitou-se às informantes que assinassem e datassem o documento, tal como a entrevistadora. Como nenhuma das informantes sabia ler ou escrever utilizou-se o método da autenticação por carimbo com a impressão digital do polegar.

Após esta formalidade, deu-se início à construção dos dados propriamente ditos, por meio da técnica da narração de factos da vida. Foi pedido às informantes que respondessem livremente às perguntas e que acrescentassem o que quisessem às narrativas.

As entrevistas terminaram quando a entrevistadora “*sentiu*” cansaço por parte das suas interlocutoras, que se manifestou em expressões como “*Que horas são?*” ou ainda “*Não se estará a fazer tarde?*”.

As entrevistas resultaram em 4 horas e 52 minutos de gravação áudio que foram transcritas na íntegra.

2.6.2 - A transcrição das gravações

A transcrição das gravações foi uma tarefa delicada que demorou o seu tempo, sendo necessário empregar, aproximadamente, quatro a cinco horas para transcrever uma hora de entrevista. O facto de as gravações terem demorado tão pouco tempo a serem transcritas deve-se ao facto de nos ser fácil a “leitura” das vozes, por estarmos familiarizados com a linguagem Avieira, e pela maximização do “*ouvido treinado*” decorrente da observação-participante.

A comunicação passou por três canais sincrónicos: não-verbal (gestos, movimentos oculares, expressões faciais), a inflexão de voz (reveladora do estado emocional das informantes) e as palavras ditas, com todas as modificações que apresentaram. Foi portanto necessário escutar as entrevistas uma e outra vez para que, ao redigir o texto da transcrição, fossem convenientemente interpretados os silêncios e a sua presumível duração, assim como as inflexões de voz.

2.6.3 - A análise dos dados recolhidos

Aplicou-se a todos os registos de respostas abertas, resultantes das entrevistas, a técnica da análise de conteúdo de forma a caracterizar as condições de produção destes (Vidigal,1996). Considerou-se, tal como na perspectiva de Vala (2006), que *“o material sujeito à análise de conteúdo é concebido como resultado de uma rede complexa de condições de produção, cabendo ao analista construir um modelo capaz de permitir inferências sobre uma ou várias dessas condições de produção”* (p. 104).

O tratamento das entrevistas teve por objectivo aclarar as informações e os significados importantes que nelas estavam contidos. Grande parte dessas informações e significados não apareceram logo numa primeira leitura, foram surgindo no decurso de várias leituras aos documentos produzidos.

O procedimento de análise dos dados recolhidos reuniu os seguintes passos:

- a) Transcrição total das entrevistas;
- b) Leitura e releitura do material transcrito de modo a atentar nos detalhes que foram registados;
- c) Organização do texto produzido por temas de modo a “orientar” cada narrativa.

Após a análise individual das entrevistas fez-se uma análise grupal, partindo dos temas construídos, procurando identificar analogias e dicotomias entre as duas narrativas aqui investigadas.

Capítulo 3 – Resultados e Discussão

De seguida faz-se a apresentação das significações, divididas por grupos temáticos, construídas na análise de cada história de vida.

3.1 – A narração de cada uma

Como anteriormente registámos os discursos das pescadoras Avieiras, sobre si mesmas, tornaram-se mapas de significação que, segundo Vala (2006), são representações que dependem da reconstituição do campo em que se formam e do espaço social que frequentam, ou seja, representações que apresentam os principais temas de vida e as relações entre eles. Do ponto de vista teórico, as vivências diárias e os costumes, incluindo os simbólicos, que os indivíduos fazem dos tempos e dos espaços que frequentam, contribuem para a formação e consolidação de identidades.

A análise produzida evidenciou a importância das dimensões temporal e espacial na narrativa das pescadoras Avieiras. A temporalidade e o espaço revelaram-se aqui como dimensões que suportaram o narrar de si. Entenda-se temporalidade enquanto experiências de tempo de cada uma, e espaço como os lugares que marcam os posicionamentos de cada uma nas suas histórias.

Seguidamente apresenta-se a análise das histórias de vida de cada uma das pescadoras Avieiras.

3.1.1 – Aldeia Avieira do Touco

O Touco foi um assentamento Avieiro no concelho de Alpiarça, onde hoje só se vislumbram alguns vestígios do casario, que foi constituído, presumivelmente, em 1957. Era um local onde viviam cerca de vinte cinco famílias, em várias barracas, geminadas, espalhadas pela borda do Tejo, encostadas a um dique. Como refere Iria: *“Os pilares das barracas eram ferrados mesmo à bordinha da água e quando eram as cheias muito grandes, a gente estava num dique a morar, era a galgar a água para o lado de cá, fazia um barulho terrível”*.

Encontra-se actualmente abandonado, tendo perdido a beleza natural que em tempos possuiu.

Os Avieiros, que se estabeleceram no município de Alpiarça, contribuíram para a transformação da paisagem e a formação de novos povoados, como é o caso do Touco, Patação de Cima, Patação de Baixo, Torrinha, Gouxá e Courela de Baixo.

3.1.2 – *Iria do Touco*

Iria Fragata Grilo nasceu a 31 de Dezembro de 1927 na aldeia de Vale de Cavalos; é descendente de pescadores de Vieira de Leiria, sendo seus pais Manuel Grilo e Luzia Fragata. Aos 18 anos casou-se com António Branha, de ascendência também Avieira, e foi morar para a Barreira da Bica, para casa dos sogros, Manuel Branha e Clara Lameira, onde ficou durante 3 anos. Após esse período foi morar para a aldeia dos Avieiros do Touco, em Alpiarça, onde viveu e criou os filhos. O seu tempo era passado na vala de Alpiarça, na pesca.

Após a morte do marido continuou na sua vida pelas margens da Vala de Alpiarça na apanha da enguia, da carpa, do barbo, dos lagostins de água doce, entre outras qualidades de pesca. Deixou de andar na faina com 82 anos, não deixando no entanto o seu trabalho na agricultura.

A narrativa de Iria mostrou que o processo de falar de si envolveu tomadas de decisão que foram facilitadas pelas circunstâncias, pois na medida em que foi aumentando o vínculo de confiança entre a entrevistadora e a informante a narração foi ganhando contornos mais pormenorizados.

3.1.3 – A história de Iria

A história de Iria é a narração do quotidiano de uma mulher pescadora Avieira, que se confunde com a história de tantas outras mulheres pescadoras. Este quotidiano está repleto de episódios e de relações tecidas no decurso da sua vivência. Partindo de uma história simples, *Iria do Touco*, construiu uma narrativa rica de descrições do seu quotidiano, aprofundando a sua própria história, indo ao “*fundo do baú*” da memória. O quotidiano aqui narrado resulta das construções que Ira teceu sobre a dimensão temporalidade: o antes e o agora e a dimensão espacial: Touco e Alpiarça.

Este quotidiano foi repartido por diferentes grupos temáticos: a família e as relações familiares, as práticas da vida diária e os trabalhos no rio e no campo.

a) A família

Iria evoca figuras da família para falar sobre si mesma. A família constitui-se como uma reconstrução do passado, reforçada ainda pelo facto da mãe e da avó lhe terem transmitido alguns dos ensinamentos importantes que ela guarda.

As figuras que mais se destacam na sua narrativa são o pai e a mãe:

Pronto! O mê pai nã era rico. Tinha oito filhos e nã era rico. Mas na ideia dele... Nunca passámos fome, porque a nha mãe, coitadinha arranjava isto. Nunca! Nunca foi pessoa assim de mimices nim nada.

(...)

O que as mães ou avós sabiam...elas faziam mezinhas de tudo. Até aguardente com açúcar davam à gente. Para a constipação a nha mãe era aguardente mesmo colhada com açúcar. Ou atão era com tintura de iodo...Eu ainda faço isso, tintura de iodo com café quente, ainda hoje faço.

b) Relações homem-mulher e interpessoais

Sabe-se, por testemunhos diversos e pela leitura de Alves Redol, que a mulher Avieira tinha uma enorme força interior, coragem e dinamismo, mas que, em simultâneo, se submetia à autoridade do patriarca da família, o homem.

Iria sentiu alguma relutância ao abordar este tema, talvez porque lhe fosse difícil expor a intimidade:

LV: Como era a vida entre marido e mulher?

I: Não levei muita tarefa...embora algumas vezes tenha apanhado, uma das tarefas que eu me lembro foi uma vez por causa da nha filha que quando era piquena foi brincar com um molhe de canas que o mê marido tinha preparado para as redes e ela derrubou, quando vi e ao pensar que ela se tivesse aleijado pois as canas tinham as pontas afiadas, corri para ela e ele queria-lhe bater, como eu na deixei acabei por levar eu...mesmo em frente à nha irmã e ao mê cunhado, mas apesar disso não fizeram nada pra impedir que ele me batesse.

Tirando isso sempre nos demos bem pois ele era bom pros filhos pois nunca deixou que lhes faltasse comida.

(...)

LV: Como eram as vossas relações com os de fora da comunidade?

I: Sempre nos demos bem com os agricultores e com os senhores das quintas e mesmo com as pessoas da vila, embora, uma vez por outra, nos desentendíamos com os donos dos terrenos vizinhos, mas era só por causa dos miúdos, pois eles iam roubar fruta das árvores que os agricultores tinham nas terras, mas, para além disso sempre nos demos bem com todos.

c) As práticas da vida diária

Estas referem-se às descrições que Iria fez sobre o seu dia-a-dia, as ocupações, os momentos de descanso, entre outros. É pela análise deste tema que se podem perceber as referências que inevitavelmente Iria faz sobre a vida de antigamente.

Aliás durante toda a narrativa foi possível perceber estas insinuações.

A gente passou... ouça lá! E a gente andar a pescar, com ondas muito grandes, para ver se ganhava alguma coisinha... que era fome ... pra ganhar alguma coisinha de comer... pra ir no outro dia a Alpiarça a pé, pelo campo afora...fazíamos tudo estrada acima a pé, com os cestos à cabeça (Figura 7), carregados de peixe e íamos vender à praça, sempre a pé, sempre a pé. Pra lá e pra cá. Dantes não havia carros nim nada como há agora. Nim havia dinheiro para eles...passámos muito no Tejo.

(...)

Então na me lembro!? Eu ia grávida e dantes usava-se o fato branco, né? E quando foi a nha mãe para ir comprar-me o fato, ainda me lembro tão bem, o senhor que estava a vender os fatos pôs um verde e um cor-de-rosa muito clarinho. E eu queria o outro que era mais escurinho. Eu estava grávida. Vai, uma senhora que lá estava disse “ai, a menina é tão novinha, leve este!”, que era o cor-de-rosa. Mas lá tanto teimou que eu trouxe o fato cor-de-rosa.

(...)

Havia muita alegria e amor. Agora na há. É só raivas e invejas... velhaquices... na ouvem a palavra de Deus. Na têm amor, na têm nada a ninguém. Raivas e invejas. Cada um para si. Dantes os pescadores eram... Havia um que estava no hospital... nós somos os ciganos do mar... ia tudo ao hospital pra ver... “Ai Jesus!, ai Jesus!”... Agora esteja um, esteja dez, esteja catorze, só as famílias os vão visitar. Na há unidade nenhuma.

d) Os trabalhos no campo e no rio

Este tema refere-se aos afazeres de Iria ao longo da sua história de vida, os medos e ansiedades. Refere-se também ao seu papel enquanto mulher no seu grupo social.

Durante a narrativa facilmente se percebe que Iria assumiu, desde tenra idade, trabalhos considerados áduos mas bem aceites socialmente entre a comunidade Avieira:

Eu tinha 11 anos e já andava com uma quarta de água à cabeça e a trabalhar a sachar favas, a ganhar a 25 tostões e as mulheres a 5 escudos e eu no meio das mulheres... andava uma mulher, andava uma cachopa... andávamos assim em carreirinha e não tínhamos ordem de alevantar. E ósdepois quando a gente via as mais velhas, coitadas porque também queriam alevantar-se um bocadinho, se a gente se alevantasse amergunçavam a gente pra baixo. Logo! Havia uma capataza, que era danada dum corno pra puxar pelas mulheres. É verdade! E apanhar grama... era no lezíria do lado de lá do Tejo... a gente morava do lado de cá, mas a gente tinha que ir passar ao barco pra lá tirar grama...tão pequenita... logo de madrugada.

(...)

LV: Teve algumas vezes medo de andar na pesca durante a noite?

I: Confesso que tive medo. Uma das vezes que tive medo foi numa nôte em que fomos pescar pra um sitio na vala de Alpiarça que era proibido pescar “mas tínhamos de arriscar” e enquanto andávamos a deitar as redes vimos uma luz na margem e começámos a ouvir vozes...tivemos de recolher as redes e fugir saindo da vala, abandonando o barco e fugindo a pé pelo campo levando o mê marido as redes todas às costas e eu atrás dele até chegarmos a nossa casa.

(...)

A enfrentar as ondas...disso é que eu tinha muito medo. Quando era a largar as redes, pra pescar, vinham aquelas ondas e ter que ter o barco direito a favor do vento... vinham às vezes ondas que até entravam dentro do barco. Tinha muito medo.

Uma vez comigo... o mê filho aqui entre os joelhos, deitado e a dormir, e o hóme era só assim: “endrita o barco”, “endrita o barco”, eu ia largar, mas eu que tinha medo de ir atrás das redes quando as largasse. Tinha muito medo. Veio uma onda e ficou tudo raso de água. Depois meti o filho debaixo da proa, onde estavam as mantas molhadas e eu e mais o mê homem, o resto da noite, foi sempre acima e abaixo, abaixo e acima, todos molhadinhos.

(...)

Quando éramos mais novos eu e o mê hóme andávamos a pescar à sociedade com uma irmã minha...um dia a gente vai então assim “a gente ferramos aqui a vara e dormimos aqui um bocadinho até a Lua se pôr”, porque às escuras apanhava-se mais peixe. Vai daí deitámos no barco. A gente tinha uns tóldezinhos, a gente botava aquele arco e depois botava os tóldes na proa (Figura 8), tapávamos com um lençol, por causa da maresia ou da chuva, estávamos deitados, eu já estava a dormir e só o mê marido é que na estava, estava acordado ainda, mas na deu por ela... e ouviu catrapum... era a nha irmã. Atirou-se ao Tejo. Estava a sonhar que a filha tinha caído ao Tejo e ela atirou-se à água para a agarrar “ai a minha menina, ai a minha menina” vai o mê marido é que lhe pôs a mão quando ela ia para baixo do barco “Oh Eduardo, oh Eduardo!”, vai agarrou-a a trouxe-a “ah! cachopa porque é que fizeste isso?” “ai! estava a sonhar com a minha menina, que caiu à água, e eu atirei-me ao Tejo para agarrá-la!”. Era uma vida difícil. Mas olhe, eu pensei sempre em morar no Tejo. A nha irmã é que não. Ela dizia “não me fales nisso! Só as cheias que eu lá passei!”. Eu, quando os filhos eram piquenos, e pra remar mais descansada, amarrava-os à nha cintura com uma corda, assim já sabia quando eles se mexiam...

No capítulo do trabalho, pode-se perceber que Iria também assumiu trabalhos considerados femininos, trabalhos que utilizam habilidades qualificadas socialmente, como próprias das mulheres: delicadeza, habilidade, destreza manual e motricidade fina (Figura 9):

Quando era pela Páscoa a gente sabia bordar, fazíamos uns saquinhos, todo bordado, com bicozinhos tudo à volta e raminhos. Entregávamos aos rapazes e eles compravam as amêndoas, metiam dentro daqueles saquinhos e é que davam à gente. A gente jogava aos compadres e às comadres. Ainda hoje que já somos velhinhos dizemos “Eh compadre”. O rapaz levava amêndoas e a rapariga dava-lhe um lenço de assoar.

É relevante comentar que Iria, durante a entrevista, recorreu várias vezes a fotos que tinha na sua posse, como se sentisse necessidade de ver as pessoas das quais falava e com as quais tinha convivido.

3.1.4 – Aldeia Avieira da Barreira da Bica

A Barreira da Bica, na foz do rio Alviela, encontra-se a cerca de dois quilómetros de Vale de Figueira, no concelho de Santarém, local onde se estabeleceu, durante décadas, uma colónia de pescadores Avieiros.

Ao local chamaram *Barreira da Bica*, pelo facto de existir, como hoje ainda existe, uma fonte de água pura vinda da encosta. A aldeia chegou a ser

constituída por 28 barracas, adega, um forno comunitário (ainda existente) e os galinheiros que apenas guardavam os coelhos, visto que as galinhas viviam em plena liberdade. Por variados factores, como a poluição do rio Alviela, foi-se dando o abandono da aldeia até à desertificação total. A aldeia foi morrendo, sem gente, com as casas abandonadas, e com os barcos e apetrechos ao abandono no areal.

3.1.5 – *Emília da Bica*

Emília Branha Lameira nasceu em 1932, em Salvaterra de Magos, quando os seus pais, Manuel Custódio Branha e Clara Lameira, andavam na pesca do sável, mas foi em Vale de Figueira (Barreira da Bica) que foi registada. *"Vivíamos numa casa de madeira com estacas ao pé do rio Alviela"*.

Uma pescadora que bem cedo conheceu a dureza do trabalho no campo, desperdiçando a infância para ajudar a família de nove irmãos. Aos 21 anos casou com José Charana, que também trabalhava no campo, e decidiram abandonar o trabalho na terra que não lhes pertencia e ir ao chamamento do Tejo, seguindo o exemplo dos pais.

Passaram muitas dificuldades *"Foi uma vida muito dura"*. *"No verão, dentro do barco, era um calor insuportável. No inverno, um frio de gelar"*.

Engravidou um mês depois de casar e até dar à luz, continuou a viver dentro do barco no rio. Depois do parto, passou um mês em terra com o bebé nos braços, para criar. Quando o filho completou 6 anos de idade, Emília e José decidiram mudar de vida e assentar em terra. O menino tinha que ir para a escola e o barco tornava-se cada vez mais pequeno e inóspito para servir de lar. Além disso, a saúde de Emília exigia cuidados acrescidos pois havia contraído uma doença pulmonar.

Construíram, com as suas próprias mãos, uma barraca de madeira na aldeia Avieira da Barreira da Bica, à beira Tejo, com o pouco dinheiro que conseguiram amealhar na dura vivência de pescadores.

Tiveram mais um filho, que em bebé revelava uma saúde débil. O casal não abandonou o barco. Continuou a dedicar-se à pesca e entregar-se á cansativa faina do dia-a-dia. Uma tempestade destruiu-lhes a barraca onde viviam e tiveram que construir outra.

Mais tarde, depois dos filhos criados, José decidiu comprar um pedaço de terreno e construiu uma casa em Vale de Figueira. A vida melhorou significativamente e Emília não mais deixou a sua casa. Passados anos José Charana morreu afogado no Tejo ao tentar salvar das águas o velho barco, num dia de fortes chuvadas.

3.1.6 – A história de Emília

A narração de *Emília da Bica* foi marcada por momentos de alguma confusão no discurso, no entanto as memórias foram surgindo e a história revelou-se plena de significações. Percebe-se que a história de vida de Emília se confunde com a de tantas outras mulheres que vão substituindo o papel de filha pelo de mãe e mais tarde pelo de avó. A história de Emília fala de uma mulher com fortes vínculos ao lado feminino da família, herdando dele o seu papel de cuidadora e zeladora das maleitas e mal-estar da família:

A nha mãe e a nha avó é que ensinavam isso tudo à gente (...) Já não consigo arrebanhar... depois rezava-se um Padre Nosso e uma Avé Maria... a nha avó sabia muito bem rezar. Ela era da Vieira, elas iam à missa e sabiam a dótrina. Ela sabia todas as rezas e sabia todas as coisas... Sabia o pé retorcido, o cóbrão... mas isso ainda eu faço também...

Já no seu papel de avó, Emília, conta a história de uma mulher envelhecida partindo da comparação e consideração entre o passado e o presente:

Já tenho dito a uma neta que aí tenho, com 12 anos, “na tua idade eu já estava farta de trabalhar, em casa e tudo” (Figura 10). A nha mãe ia fazer a venda dela e eu fazia tudo em casa. Eu e outra irmã minha.

O dia-a-dia narrado por Emília resultou na construção de três fortes grupos temáticos: as relações familiares, as práticas religiosas e o papel da mulher dentro da comunidade.

a) Relações familiares

Como *Iria do Touco*, também *Emília da Bica* se socorreu de vários personagens da família para falar de si. Emília fala da morte para designar as relações de parentesco com a pessoa morta e para se relacionar com ela.

Não conheci os mês avós porque o pai da nha mãe morreu afogado no mar e o pai do mê pai...quando o mê avô morreu a nha avó ficou grávida do mê pai. Nem ele conheceu o pai. A nha mãe era Clara Lameira e o mê pai Manuel Custódio Brenha. Eu sou prima carnal do mê marido. O mê sogro chamava-se António Charana e a nha sogra era Emília Fernandes, ela não sabia o nome porque ficou sem mãe de pequenina e toda a gente a chamava de Emília Pedreira. Mas ela na era Emília Pedreira, era Emília Fernandes. A nha mãe deixou uma irmã na Vieira. Na Vieira ainda lá há família. A família do mê pai era Branhas.

LV: Branhas há também em Alpiarça, no Patacão...

E: É tudo da nha família...

(...)

Os pescadores de antigamente eram todos da Vieira... pois!... o mê avô morreu afogado lá no mar... foram treze de uma vez que morreram e o mê avô coitado nunca mais apareceu. Ópois a nha avó veio cá para o Tejo. Elas faziam uma safra lá no mar da Vieira e depois quando estava melhor cá vinham pra cá. Ópois acabaram por ficar, ficou cá ela e pronto! ficou cá muita gente. A nha avó ficou viúva com cinco filhos e ópois casou outra vez com outro homem... pronto! E era assim...

Outro aspecto observado foi a comparação que é feita, durante o decurso da narração, entre os personagens da família e os demais:

O mê pai gostava muito de trabalhar e a nha mãe. Foi fome, mas a gente nunca passámos fome. Lá ao pé da gente havia muita gente que passava fome. Porque o mê pai e a nha mãe iam vender o peixe a Alcanhões, outra vez a Alpiarça, era onde calhava. E quando a nha mãe vinha, já tínhamos almoçado. Ê arranjava uns peixes, a gente tínhamos sempre uns roibaquinhos, arranjava aquilo de caldeirada, outras vezes sopas e batatas. Pronto!, a gente comíamos e criámos bem. Os mês irmãos era tudo gente grande, eu é que era mais baixa. Nunca passámos fome. Porque o mê pai era muito corajoso, mas havia daqueles que não se tiravam ali de pé de casa... pois! Eu sei!

Este método de falar de si através das relações familiares evidencia a construção da sua identidade dentro destas relações. Ora semelhança ora diferença, Emília vai-se colocando como mãe, filha, irmã e neta dependendo das relações que mantinha com os personagens que com ela conviviam.

b) Relações interpessoais

Emília falou durante a sua história de violência doméstica, na falta de respeito nas relações entre homem e mulher, situação que era sentida e consentida em muitos lares Avieiros.

LV: Mas quem mandava lá em casa?

E: Dentro do barco eles respeitavam a gente e até gritávamos ordens...mas em casa...olhe lá... antes se uma mulher fosse a buscar o home à taberna, ia a levar porrada até casa....era uma ofensa muito grande!!!

(...)

LV: Eram as mulheres sempre que vendiam o peixe? Eram elas que geriam o dinheiro em casa ou eram os homens?

E: Eram elas. Eram as mulheres.

(...)

LV: E quando os homens precisavam de dinheiro para qualquer coisa?

E: Eles pediam às mulheres, pra fazer a barba...

(...)

LV: Mas havia muita violência doméstica?

E: Ora...havia aquelas que levavam todos os dias !!! O mê hôme deu-me muitas vezes e às vezes até me dizia “Ó Emília amanhã levas mais!!! Porque sempre que te bato no outro dia matas mais uma galinha” ...Era assim...felizmente já não é.

Ao falar sobre a violência doméstica, sentida por tantas mulheres Avieiras, Emília espelha a divisão entre géneros, no qual o homem é reconhecido como tendo mais poder social do que a mulher que consegue aumentar o espaço para gerir as suas tarefas sociais mas não mudar a sua identidade.

A mulher Avieira revela-se-nos assim como indefesa, aceitadora das agressões, resignada e votada ao silêncio.

c) Práticas religiosas

Durante toda a narrativa Emília deixou bem clara a importância das práticas religiosas entre a comunidade Avieira. As crenças/ritos revelam aqui, positiva ou negativamente, a integração social, a influência dos laços familiares, os valores vigentes, a relação comunitária, entre outras. Na origem destas expressões populares pode-se, de facto, descobrir a consciência dos limites

humanos perante forças transcendentais e a necessidade de dar sentido, apoio e organização à vida humana, sobretudo em alturas de perigo ou nos momentos cruciais da vida. Espelham, portanto, os anseios, os sofrimentos e as esperanças dos pescadores Avieiros.

LV: Nessa altura não frequentavam muito a igreja, como é que era?

E: Na, na frequentávamos.

(...)

LV: Vocês nunca iam à missa?

E: Nunca íamos lá. Chegaram a ir lá fazer missas campais, na sei se já era casada ou se ainda era solteira. Até lá iam padres que andavam ainda no Seminário fazer missas campais. Iam lá ao pá da barraca do mê compadre Albertino fazer as missas campais.

(...)

LV: Tirando as missas campais, nem por mortes, nem por casamentos, nem por nascimentos os padres lá iam... Todos eram baptizados?

E: Todos.

(...)

LV: O senhor padre costumava vir aqui?

E: Na, vinha a gente lá.

d) A actividade piscatória

A actividade piscatória é o ser e o ter destas comunidades e o seu fruto dependia quer do esforço de cada um quer também da vontade dos “deuses”. O dia-a-dia era marcado por actos e atitudes que remetiam, muitas vezes, para o transcendental. Num universo povoado de medos e angústias, as forças malfazejas assumiam um papel importante.

Para enfrentar os temporais e as trovoadas recorriam a “receitas” verbais. Estes ritos evocam, comumente, acontecimentos sobrenaturais ligados à origem do mundo ou da própria religião.

Isto nos demonstra Emília:

LV: Vocês conheciam algumas daquelas rezas, a Santa Bárbara ou a S. Gerónimo?

E: Cantava muito isso... a nha avó é que ensinava isso tudo à gente...

“Santa Bárbara se alevantou

Seu pé direito calçou...

Nosso Senhor (ou Nossa Senhora) encontrou...

*Onde vais Santa Bárbara?
Vou espalhar a trovoada...
Santa Bárbara bendita
No céu está escrita..."*

Durante a entrevista e pelas palavras de Emília, ou até nos silêncios, sente-se que, em alguns momentos da sua vida, sentiu cansaço pelos diversos papéis sociais a que esteve obrigada. Este cansaço deveu-se sobretudo à dupla jornada de trabalho que Emília executava, pois para além das vulgares actividades domésticas, ela assumia o trabalho fora de casa e principalmente o trabalho nocturno da actividade piscatória (Figura 11).

Capítulo 4 – Mulheres Avieiras - Porta-vozes da memória de um povo

Neste capítulo observa-se a construção da caracterização de Porta-vozes da memória Avieira apresentando a análise do conteúdo das duas entrevistas e as características que identificam as nossas informantes enquanto mulheres representativas das memórias da comunidade Avieira

4.1 - Mulheres pescadoras da Vieira

Os problemas do aumento da pobreza e da exclusão social, no seio das populações do litoral, transportam-nos para a importância do trabalho das mulheres como garante da sobrevivência das famílias de pescadores que têm no mar o seu sustento. O tema do trabalho feminino, em meio piscatório, tem sido discutido, nas últimas décadas, em várias regiões que têm a sua economia voltada para os recursos marítimos. Segundo Maneschy (2002) *“estudar as práticas, as técnicas sociais, simbólicas de pescadores de comunidades ou sociedades marítimas, é também estudar as relações homens-mulheres, a divisão sexual do trabalho, as relações familiares, o estatuto e as funções assumidas pelas mulheres no seio destas comunidades e sociedades”* (p.36).

As mulheres da Praia da Vieira, desde há muito que ocupam um papel de destaque na vida económica da freguesia. Ainda hoje, apesar das condições de vida terem sofrido grandes mudanças, elas continuam a vender peixe, a cavar a terra e a trabalhar no comércio ou na indústria. É comum ouvir dizer que as mulheres Avieiras sempre foram muito sacrificadas, a tal ponto que há um ditado antigo que diz assim: *“Não se pode ser mulher na Vieira nem burro em Fonte Cova”*.

Apesar das transformações sofridas e da decadência da economia da xávega, as mulheres nunca deixaram de ocupar um papel preponderante na vida económica das famílias da Praia da Vieira. Como refere Pernão (1957) de inverno, iam outrora a pé ou de burro, pela noite fora, atravessando pinhais e galgando ladeiras, de pé descalço, pernas protegidas pelos canos de lã, com o alguidar à cabeça, levar aos povos do interior o pescado fresco. As alterações resultantes da introdução progressiva das redes de frio e da melhoria das vias

de comunicação, pouco mudaram as suas vidas de sacrifício, pois foram elas que, a partir dos novos canais de distribuição, se continuaram a encarregar da comercialização do pescado.

Como destaca Nunes (1993) a mulher da Vieira é a camarada de todas as horas, ela executa as tarefas domésticas, das pescarias e venda do produto e da execução e arranjo das artes de pesca e aplicam as suas práticas “*terapêuticas*” rezando responsos e curando do quebranto.

Quando exercem profissões fora de casa é na área dos serviços, onde não é necessária uma grande especialização, que encontram trabalho: cabeleireiras/manicuras, empregadas de limpezas, entre outras. As mulheres da Vieira distinguem-se principalmente pelos saberes referentes ao manuseamento e reparação das artes de pesca, dos conhecimentos sobre os processos da fabricação de limas ou de vidro (actividades recorrentes na região); das plantas medicinais e da sua utilização nas curas de maleitas, escoriações e até na cura espiritual. Presentemente veem-se ainda algumas mulheres Avieiras no mercado municipal ou em atrelados ao longo da avenida marginal da Praia da Vieira a vender algum pescado e as outrora sardinheiras são agora denominadas peixeiras, ou “*pexinas*” como é uso na zona. Sintetizando, poderemos dizer que de uma maneira geral, as mulheres da Vieira, são o repositório de um conjunto de hábitos, crenças e práticas que se prendem com a continuidade e a preservação das tradições.

As gerações de mulheres Avieiras, nascidas já na Borda d’Água Tagana, tiveram oportunidade de aprender os conhecimentos ancestrais que lhes foram transmitidos pelas mães, ou avós, oriundas da Praia da Vieira, ainda que tivessem feito algumas adaptações decorrentes da nova realidade espacial, repetem os mesmos gestos ou pronunciam as mesmas palavras que desde tempos imemoriais se transmitiram de geração em geração.

4.2 – Cerzindo as duas narrações

Tivemos oportunidade de expor e de estudar as histórias de vida das duas mulheres Avieiras que se dispuseram a participar deste trabalho. Estas histórias estão ligadas ao tempo e ao espaço. A passagem pelos lugares e as ligações

interpessoais são um demorado pontear de histórias em que se combinam “cores e imagens” como num colorido tapete feito à mão.

Em seguida iremos apresentar o resultado do cerzido das várias características que definimos como mais preponderantes e mais cheias de significações na análise de cada entrevista e que são manifestamente marcas da identidade Avieira.

1 - Relações familiares

A família Avieira é construída sempre a partir do casal de pescadores (a faina assenta sempre numa dupla) sendo que o homem está ligado ao fabrico, manutenção e reparação do barco e alfaia de pesca e à labuta da faina e a mulher, para além de tudo isto, está ainda incumbida das tarefas de transporte e comercialização do pescado, refeições e arranjo da habitação e cuidados com os filhos. São pescadores por conta própria que foram evoluindo para trabalhadores agrícolas e alguns atingiram a categoria de seareiros. Esta relação de cumplicidade não põe em causa a tradicional supremacia masculina, como reproduz Redol (2011) para enfatizar o papel subalterno da mulher Avieira: “*No mê barco, quando canta o galo na se ouve a galinha...esta é a lei da gente!!!*” (p.28). A mulher Avieira é a camarada de trabalho, obediente, a quem os maus tratos infligidos pelo homem são um, quase, natural lugar-comum.

O grupo familiar Avieiro (Figura 13) revela-se como uma unidade produtiva empresarial autónoma, pois todos os seus membros são os responsáveis pela produção, manutenção, gestão e comercialização dos seus produtos. Esta unidade é muito restringida e polivalente, dependendo quase só de si para suportar as adversidades da vida.

Os casamentos Avieiros eram, até ao século passado, endogâmicos, isto é, feitos unicamente entre os jovens da mesma aldeia, ou de aldeias Avieiras vizinha, e eram maioritariamente religiosos.

LV: Você casou com um pescador porquê?

I: Antes na aceitavam rapazes de fora [sorriso]!

(...)

LV: Casou com que idade?

I: Eu casei com 19. Mas namorei 9 anos.

LV: Então você começou a namorar aos 10 anos?!!!

Segundo a tradição, os contactos íntimos entre casais não eram tolerados pela comunidade antes do casamento, mas as histórias narradas pelas informantes dão conta de que a gravidez era muitas vezes companheira de boda. Pernão (1957), na sua monografia social da Praia da Vieira, afirma que “*é aceite por todos a falta de pudor das raparigas bem como as leviandades cometidas antes do casamento*”, mas isto pode não ser exactamente assim, a não ser que se considere ser a cerimónia oficial do casamento a responsável da moral e dos bons costumes.

I: Mas eu já fui grávida [sorriso]. Namorávamos só de mês a mês. Só de mês a mês é que a gente tinha orde de namorar.

Apesar do desmembramento das famílias Avieiras, pelas várias aldeias da Borda-d'Água Tagana, os contactos entre elas faziam-se com regularidade, nomeadamente em casamentos, funerais ou em circunstâncias de hospitalização, mantendo-se assim os vínculos familiares, o conhecimento e a coesão relativa entre todos os membros das comunidades Avieiras do Tejo (Figura 14).

2 - Trabalho no feminino

Todos os Avieiros, independente do género, começavam a trabalhar muito novos. Era, no entanto, estabelecida pelas famílias uma diferenciação muito evidente entre rapazes e raparigas, sendo estas as mais sacrificadas. Sempre que a família crescia as raparigas, que estivessem a frequentar a escola, deveriam abandonar os estudos para cuidar dos irmãos mais novos e fazer a lida doméstica. Se era considerado oficialmente pouco valorizado o acesso à instrução para a generalidade dos jovens Avieiros para as raparigas não era de todo relevante.

As mulheres Avieiras desde muito jovens tinham que tomar conta dos irmãos mais novos, da lida doméstica e ir exercer trabalhos agrícolas, em que trabalhavam de sol a sol, e produziam quase tanto como os homens sendo todavia menos remuneradas.

Emília narra assim esta situação:

E: A nossa escola foi trabalhar. Eu à idade de 11 anos, já tinha trabalhado, ferrei a trabalhar e nunca mais deixei, no campo, com enxadas.

LV: Com 11 anos a cavar?

E: A cavar e apanhar vides, as pontas das cepas. Nessa altura *na* tinha força para atar um molhe de vides. Caía gelo, eu *na* tinha força e com o gelo ainda tinha menos. Dava água à cura [prover de água os trabalhadores], com o que a gente chamava uns canecos. Tinha que poder!

Iria, por seu turno, comenta a situação com estas palavras:

I: Olhe lá! nós éramos 8 irmãos, eu comecei a trabalhar com 10 anos, só um é que sabia ler! Eu tinha 11 anos e já andava com uma quarta de água à cabeça e a trabalhar a sachar favas, a ganhar a 25 tostões e as mulheres a 5 escudos e eu no meio das mulheres...

A velha sociedade tradicional portuguesa via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida ao período mais frágil, enquanto ainda não conseguia bastar-se a si mesma, e mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada com os adultos partilhando os trabalhos e os jogos. De criança pequena, ela transformava-se depressa num jovem adulto, sem passar pelas etapas normais da juventude, que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje.

Como afirma Ariés (1975):

(...) a transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram portanto nem asseguradas nem controladas pela família. A criança afastava-se logo dos pais, e pode dizer-se que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las (p.78).

Esta afirmação possibilita, talvez, ter uma ideia da realidade vivida pelas crianças Avieiras e perceber que as adversidades inerentes à instituição familiar terão certamente tido influência na qualidade das relações de vinculação estabelecidas e feito surgir vivências e sensações que terão influenciado a forma resignada com que posteriormente se modelaram as identidades.

A mulher, desde muito jovem, sempre desempenhou um papel muito importante na comunidade Avieira pois, para além do seu papel como filha, mãe,

mulher e camarada do pescador durante a faina e no concerto e fabrico das redes de pesca, era a gestora da economia doméstica, controlando o dinheiro proveniente da venda do peixe, nos mercados urbanos ribeirinhos, e era trabalhadora rural durante os meses de verão, quando a faina estava mais fraca.

Nas comunidades piscatórias Avieiras são de facto as mulheres quem assume a condução da família, a resolução dos seus problemas, quer se trate de questões legais ou patrimoniais ou tão simplesmente questões tradicionalmente atribuídas às mulheres, como o tratar da casa e dos filhos. A mulher era a trave mestra da família. Sem a força interior, a coragem e o dinamismo das mulheres, era difícil ao homem Avieiro reflectir um espírito empreendedor. A literatura de Redol já apontava para o facto de o homem Avieiro exercer autoridade sobre a mulher, mas que, sem ela estava desprovido de capacidade para se realizar.

À medida que as crianças crescem... a mulher vai sendo gradualmente libertada do trabalho de cuidar delas com maior permanência, e quando as crianças começam a auferir alguns ganhos passam a contribuir para as despesas diárias do agregado familiar. É nesta fase que se começa a notar com maior clareza o padrão subjacente das relações dentro do grupo doméstico; a mulher passa do centro em redor do qual se desenvolvem os laços afectivos, para se tornar agora, em conjunto com os seus filhos, no centro de uma coligação económica e de tomada de decisões. Este crescimento da qualidade matrifocal ocorre, quer o esposo-pai esteja presente ou não (Smith, 1996, p.42).

Para identificar este tipo de organização familiar, em que a mulher assume um papel predominante, reapropriar-nos-emos do conceito de “*matrifocalidade*” ou sociedades “*matricêntricas*”, conceito que qualifica um grupo doméstico centrado na mãe, estando o pai ausente ou detendo apenas um papel secundário. Brogger (1992) admite que nas comunidades piscatórias da Praia da Vieira e da Nazaré as famílias são “*matrifocais*”, pois as mulheres são os verdadeiros chefes de família: um fenómeno único em todo o Mediterrâneo.

Ainda segundo Brogger (1992) a vida comunitária característica das aldeias rurais europeias da Idade Média como a divisão entre o público e o privado, a atitude permissiva em relação a comportamentos individuais, com ênfase nos comportamentos sexuais, e a crença no sobrenatural permaneceu

nas classes piscatórias portuguesas. A importância da realidade do povo piscatório residia no facto de as suas leis, hábitos e crenças representarem uma fase de interesse no processo de transformação da existência humana.

O domínio da mulher parece explicar a razão da família Avieira ter resistido à tendência geral de modernização.

A multiplicidade de tarefas sempre fez parte da identificação da mulher Avieira e elas próprias se apodam, brincando, como “*pau para toda a obra*”.

LV: E na pesca como é que era?

E: Era muito bom ...os *homes* pescavam de dia com a varina e de *nôte* pescávamos juntos, a mulher é a camarada do *home*, quer com as savaras quer com os sabugares, era conforme a época...depois da safra lá íamos vender o peixe...e eles ficavam a dormir na praia...boa vida, boa vida!!! Os *homes* só pescavam e tratavam das redes... e nós éramos pau para toda a obra.

Até ao final do século passado era comum verem-se, logo de manhã após a pescaria, as mulheres Avieiras, normalmente descalças, com a cesta à cabeça, e muitas vezes os filhos pela mão ou àilharga, fazer grandes caminhadas para vender o peixe, a granel, nos mercados das cidades ou vilas mais próximas da sua aldeia (Figura 12).

3 - Práticas religiosas

Enquanto práticas culturais ancestrais, as festas e as romarias são uma forma dos pescadores expressarem aos santos da sua devoção a profunda fé, fruto das agruras da vida quotidiana, numa invocação de bênção e graças para momentos críticos, em especial perante a ira dos elementos naturais que lhes trazem profunda inquietação, angústia e dor. Nas festas e romarias a dicotomia religioso-profano cumpre a tradição e garante convívio e diversão.

Segundo Affreixo (1902) existiu outrora na Praia da Vieira a prática de benzer e defumar embarcações e redes, sempre que o arrasto não era farto:

A implantação de tal crença é antiquíssima e parece existir desde o início das artes de allar para terra, sendo de presumir que logo os primeiros pescadores, que pozeram em pratica este systema de exploração marítima, movidos pela ganancia, com inveja uns dos outros, lançaram mão de todos os recursos ao seu alcance, incluindo os maravilhosos ou

sobrenaturais, para melhor enriquecerem e para se suplantarem uns aos outros (p.134).

Segundo Nunes (1993) as festividades em honra de S. João eram a maior e mais importante festa da Praia da Vieira, para onde convergiam multidões vindas das zonas limítrofes e alguns dias depois era o dia de S. Pedro, que por ser padroeiro dos pescadores era homenageado com uma festa. Começou-se a fazer uma festa em homenagem à Sr.^a dos Navegantes, em Agosto, mas depressa a abortaram pois o trabalho era muito e os voluntários poucos. As festas em homenagem da padroeira da freguesia, Nossa Senhora dos Milagres, realizam-se em Agosto, coincidindo com o regresso dos emigrantes.

Na monografia social de Praia da Vieira, Pernão (1957) refere que *“pior que a miséria, a doença, a taberna e a falta de espírito de família, é o abandono religioso, pois cremos ser dele que derivam quase todos os outros males”* (p.120). Hoje em dia já não há miséria na freguesia, mas o número de crentes não parece ter aumentado significativamente, os habitantes da Praia da Vieira, são, como menciona Nunes (1993), indiferentes às actividades da Igreja, ainda que todos sejam intimamente devotos.

Os Avieiros são, portanto, indivíduos com fortes convicções religiosas, mas as migrações Avieiras para a margem do Tejo, provocaram uma fenda na teia social tradicional da comunidade e alguns aspectos mais comunitários e institucionais foram sendo paulatinamente abandonados ou reduzidos e no que diz respeito à religião tradicional transportada da Praia da Vieira, esta tornou-se mais popular mas nitidamente menos comunitária. Durante a andança fluvial as festividades circunscreveram-se ao mínimo e, mais tarde, quando adveio a fixação em assentamentos, a coexistência com as populações autóctones veio fomentar mudanças estruturais nas práticas religiosas dos pescadores Avieiros.

Durante a entrevista realizada a *Iria do Touco* depreende-se a intensa desagregação das componentes religiosas tradicionais e um afastamento dos cerimoniais institucionais religiosos.

LV: Iam à missa aos domingos ou não?

I: A gente nunca ia à missa! Agora é que vou. Agora todos os domingos vou à missa.

(...)

LV: Vocês não iam à missa porque não tinham tempo, não?
I: Tínhamos tempo, mas *na* indicavam a gente para a missa, os *mês* pais também *na* mandaram a gente *nim* nada...

4 - Terapêuticas populares

Desde tempos imemoriais que as práticas populares de cura se constituíram como uma alternativa médica quer dentro das comunidades piscatórias quer nas rurais, isto acontecia pela inacessibilidade aos médicos e aos medicamentos e sobretudo pelos elevados preços estabelecidos. Quem exercia esta prática “*benzedeira*” afirmava-se no imaginário popular e fortalecia o conhecimento tradicional transmitido pelos antepassados.

No aspecto relacionado com o sobrenatural cabe aqui dar a conhecer algumas das crenças, orações, práticas mágicas, entre outras, que fazem parte do património cultural imaterial da freguesia de Vieira de Leiria. No que diz respeito a este universo, e como refere Nunes (1993), a Praia da Vieira oferece um vasto quadro: “*quebranto*”, “*retorcido*”, “*bucho-tombado*”, “*aguado*”, “*cóbrão*”, “*esbandalhado*” ou “*espinhela-caída*” e o “*responso*” entre tantos outros. Estes rituais de bênção e cura estão normalmente associadas às mulheres idosas da Praia, e as palavras proferidas durante as rezas de invocação ou protecção, e as orações destinadas à cura, são dotadas de uma eficácia própria e de toda uma dramatização ritual encenada segundo princípios lógicos e jogos simbólicos complexos. A repetição e a imparidade são duas das características básicas destes dispositivos capazes de articularem o individual e o colectivo nos termos de uma teoria centrada no infortúnio.

O exercício da cura popular dentro das comunidades Avieiras Taganas foi desde sempre uma prática comum que ainda se mantém na actualidade. As pessoas procuram as mulheres Avieiras, idosas, para os mais diferentes problemas do seu quotidiano, como os relacionados com a saúde, o desaparecimento de objectos, “*tirar o quebranto*”, etc.

Como diz Emília:

O que a gente chamava antigamente cóbrão, agora é a zona. Faz-se assim...Azeite, palha de alho queimada, pólvora preta e ópois é... com uma pena de galinha... e ópois passa-se aquilo tudo assim... e diz-se aquelas palavras

Eu te corto cóbrão

*Cabeça, rabo e coração
Se é de cobra ou de cóbrão
Se é de sapo ou de sapão
Se é de aranhão ou de aranhão*

*No fim reza-se: Em louvor de S. Silvestre, Tudo quanto eu faça preste
(e por aí fora...).*

(...)

LV: Você lembra-se de as crianças “apanharem a Lua”?

E: A nha menina teve uma vez tamém cobranto esteve para arrebentar a chorar, ela era muito bonita e eu sei quem é que lhe pôs o cobranto. A mulher na tinha filhos e ê tive ó pé dela e ela na tinha filhos e tinha muita pena de na ter. Nisto a menina começou a chorar muito, a chorar muito, até subia por mim acima e toda lagrimosa e muito vermelha, muito vermelha... ópois lá fui ali a outra senhora, curou-me tamém o cobranto... foi o mesmo cobranto c'os olhos, foi o que me valeu... dantes havia aqui esta gente assim. A criança na fechava bem os olhos, dormia com os olhos meios abertos, e era o cobranto da Lua. Volta-se a criança para a Lua, e depois diz-se:

*Lua ou luar segue o teu andar
Deixa a minha menina
Que eu quero criar
Se tu és mãe eu sou ama
Cria-a tu que eu dou-lhe mama.*

Estes rituais são testemunhos públicos das crenças da comunidade Avieira, que ao praticá-los reforça a sua identidade através dos estímulos dos sentimentos de pertença dos seus membros. É em torno destas crenças e ritos que se estrutura a comunidade Avieira, acabando por diferenciá-la em termos culturais e sociais das comunidades autóctones do Tejo.

5 - A morte

Na Praia da Vieira, como em tantas outras comunidades piscatórias, a troca de papéis em que a mulher exerce a profissão masculina é bem aceite. No caso da pesca, a grande eventualidade da morte do homem por acidente ou naufrágio, com a viuvez prematura das mulheres, sem outra forma de garantirem o sustento familiar, poderá ser apontada como a razão central para vermos mulheres a bordo de embarcações a exercer as funções de um pescador.

Na Borda d'Água Tagana, e seguindo a tradição da matriz, a troca de papéis também é exercido quando o homem morre, como podemos aferir pelas palavras de Iria:

LV: E como era quando o homem morria e a mulher ficava nova e com filhos para sustentar?

I: Na era fácil...nova ou velha era igual...era pegar no barco e ir fazer o trabalho !!!

(...)

L.V: E iam sozinhas? Não voltavam a casar?

I: Umas vezes iam sozinhas e outras com irmão ou irmã...dependia...voltar a casar? houve prá ai umas que se juntaram mas casar na conheço ninguém.

A organização da vida social dos Avieiros assenta, como já referimos, numa estrutura familiar centrada na figura da mulher. Ao longo de décadas, esta estrutura revelou-se altamente eficaz em situações de privação ou de tragédia. Em caso de viuvez, a mulher Avieira, contava com a solidariedade afectiva e material das mulheres da família: irmãs, sobrinhas, tias, e sobretudo, da mãe se ainda existente.

A morte era algo com que conviviam regularmente. Quando um Avieiro morria, a comunidade manifestava-se de forma sentida e emocionada. Como as famílias eram quase todas aparentadas entre si, pelos casamentos endogâmicos, o luto afectava, invariavelmente, quase todos os residentes dos assentamentos. As mulheres também aqui tinham um papel preponderante nas manifestações de pesar, como explica Iria:

L.V: E quando morria alguém como era o velório e depois o enterro?

I: Ó menina era uma tristeza muito grande...as mulheres da família choravam muito alto e vestiam-se de dó durante muito tempo...algumas pra vida !!! O velório era feito nas casas da gente. E ósdepois era levado pró cemitério pelos nossos, a pé. E no funeral tinha de ir o padre...funeral que na tivesse padre era muito falado !!! E a campa levava um mármore, e lá punha-se o desenho do barco....pra saberem que era de um pescador.

Segundo Lopes e Serrano (2009) o tempo de luto era variável, segundo grau de parentesco, e noutros tempos quando falecia o cônjuge, ou um

descendente, punha-se luto perpétuo. De realçar que mesmo de “luto de dó” (luto carregado) as mulheres Avieiras não dispensavam os canos para proteção das pernas. O lenço era um adereço obrigatório e até em casa o preceito de cumpria.

Como se depreende pelas palavras de Iria a manifestação da dor, continuando a apoiar-se nos desígnios dos antepassados, era feita pelas mulheres da família mais próxima: esposas, mães, filhas e outros familiares chegados. Aliás, agora como dantes, o ciclo da morte continua a ser um espaço privilegiado de domínio da mulher Avieira.

No que diz respeito à vida depois da morte diz Emília:

LV: E agora com tanta coisa para afastar os males, diga-me lá uma coisa quando a gente morre o que nos acontece?

E: A gente morremos...mas a nossa alma na morre !!! A gente tem de acreditar nestas coisas, porque há tanta coisa que se diz dos xpritos ou lá o que é....

(...)

LV: Vamos mas é mudar de assunto, não venham eles por aí....

E: Pois...pois!!!

A relação dos Avieiros com os mortos adquire, assim, uma componente funcional que se consubstancia nos chamados espíritos, encostos e possessões e que as mulheres Avieiras tão bem sabem afastar os espíritos (*esconjurar*) como podemos perceber nas palavras de Emília:

LV: E você sabe fazer desaparecer esses espíritos?

E: É assim: Vai p'ó mar! Vai p'ó lodo! Não venhas castigar quem tá cá neste mundo!!!

4.2-“Retrato” das duas protagonistas enquanto mulheres representativas das memórias da comunidade Avieira

As mulheres Avieiras, inquiridas neste trabalho, apesar de não formarem um grupo no sentido estrito de um conjunto de dois ou mais sujeitos, interdependentes e interactivos, que se unem tendendo à obtenção de uma determinada finalidade, formam no entanto um grupo que tem a mesma prática

identitária de vida: guardar e transmitir saberes, fazeres e saberes-fazer, preservar histórias e símbolos da família e da comunidade Avieira, ser o elo de ligação entre as gerações.

As histórias de vida destas duas mulheres deixam claro que nunca deixaram de respeitar e de repetir a tradição familiar e colectiva dos pescadores Avieiros.

Fica-nos a ideia que as Porta-vozes da memória Avieira são um conjunto de mulheres que têm práticas culturais similares de organização da memória familiar e de si mesmas: guardar, preservar e narrar transmitindo as memórias e “*heranças*” da família e da comunidade, numa época em que as pulsões para a uniformidade desestruturam as identidades culturais firmadas a pulso pelas tradições comunitárias.

Através das narrativas de *Iria do Touco* e *Emília da Bica*, observa-se que a identificação de património, daquilo que é memorável para elas passa pelas suas representações e a invenção e produção do novo.

Seria ingenuidade acreditar que o valor histórico é suficiente para legitimar um património perante a sociedade, apesar da existência desta possibilidade, pois, como sugere Bloch (2001), o conhecimento e as representações que produzimos sobre o passado estão em constante movimento, o que entendemos por “*mundo real*” não é mais que fruto dos nossos sentidos, sentimentos e capacidade de imaginar tal como refere Pesavento (2007), o que contribui para apontarmos os diferentes usos de determinados conceitos, como de cultura, na construção do nosso passado, até porque “*ao inventar o passado, contando a história das suas origens e do seu percurso no tempo para explicar o seu presente, a comunidade constrói o seu futuro* (p. 17).

Conclusões

- 1 - Como se tornam as mulheres Avieiras em Porta-vozes da memória da sua comunidade?
- 2 - Quais os significados que organizam as narrações de história de vida?

Com o desafio de responder às perguntas colocadas, partimos para este estudo com o objectivo fundamental de aceder às vivências subjectivas de duas mulheres, idosas, pescadoras Avieiras e à forma como estas, no seio de um contexto histórico e cultural específicos, se “*criam*”, construindo narrativamente as suas identidades, de forma que nos permitisse caracterizar, por meio da exploração da sua memória, os significados que orientaram a sua identificação enquanto grupo de mulheres Porta-vozes da memória Avieira.

A abordagem metodológica escolhida, tendo em conta esse objectivo, pareceu à partida, como parece agora no fim, extremamente adequada. Os relatos na primeira pessoa mostraram-se documentos abertos a diversos temas e a possibilidades de análise. Ao avaliar, derivando isto das palavras e do talento de cada um, a estruturação e narração de uma existência, a história de vida encerra em si parte da riqueza original do ser humano e assim, tal como este, torna-se susceptível de ser analisada através de um amplo espectro de pressupostos teóricos, integrando na pesquisa os aspectos relacionais e enfáticos característicos do método da história oral (Vidigal, 1996).

A história destas mulheres é o reflexo das histórias das suas famílias e de como elas se posicionam e posicionam os outros com os quais convivem, na forma como narram as suas histórias de vida. Narrar histórias de si e das recordações de uma vida, é uma actividade explicativa e trabalhosa que exige vontade e reflexão. Narrar não é um simples acto de reviver mas sim de (re)construir, a partir do agora e daquilo que se espera para o futuro, as oportunidades que se abrem no momento da interacção entre quem investiga e quem é investigado.

Para concluir apresentaremos as principais respostas que foram construídas, para as dimensões a averiguar, e que motivaram esta tese de dissertação de mestrado, e que se encontram no quadro.2 (p.34).

1 - Como se tornam as mulheres Avieiras em Porta-vozes da memória da sua comunidade?

Tendo em vista o pressuposto inicial de que as Porta-vozes da memória Avieira formavam um grupo, mesmo não havendo vivências conjuntas, a análise das entrevistas confirmou-nos essa hipótese, no sentido de que as histórias de vida destas mulheres, que retratam as suas memórias, das suas famílias e dos seus conterrâneos, não apresentam divergências e nalguns aspectos, inclusivamente, são análogas. A análise das histórias evidenciou muitas semelhanças, o que aponta para a formação de um grupo com práticas de organização de memória muito semelhante.

Cabe deixar claro que as informantes narraram as suas histórias num vai e vem de episódios, de forma criativa, muitas vezes quase linearmente, seguindo um fio condutor que elas próprias traçavam.

Estas mulheres tornam-se Porta-vozes da memória Avieira em momentos cruciais das suas histórias de vida, num contexto de mudanças em que boa parte das características culturais Avieiras “*originais*” já está em desuso e esquecimento; quer individualmente quer colectivamente elas são relevantes não só para si, mas também para o agregado familiar e comunitário.

Nesta pesquisa, identifica-se a infância, a adolescência, o casamento e as perdas de familiares como circunstâncias optimizadoras da prática de guardar memórias. Ao avaliar sobre o que há de comum nestes momentos, percebemos que são momentos de transição: a adolescência traz a possibilidade de encontrar marido, o casamento acarreta novos posicionamentos sociais como ser mulher, mãe, dona de casa e camarada do homem na lida do “*mar*”. E a morte, que fazendo parte do ciclo da vida, é um momento de dor e de perda em que o indivíduo precisa refazer a estrutura familiar e dar um novo significado a posicionamentos construídos antes.

-2 - Quais os significados que organizam as narrações de história de vida?

Podemos responder que os significados que organizaram as narrações de história de vida foram as dimensões de tempo e de espaço, nos seus mais distintos aspectos. Apesar de ambas terem adoptado significados importantes e

organizadores para as suas histórias de vida, assimilámos que as duas assumiram um posicionamento ao longo dessas dimensões de modo a construírem as suas narrativas, seja quando falam do quotidiano, das relações entre pares, da relação vida-morte, das questões religiosas, entre outras. Para falar de si, ambas cerziram as dimensões tempo e espaço veiculando figuras da família que compunham as suas histórias como referências cronológicas e ordenadoras do tempo e do espaço, além de patentearem o carácter dialógico do processo de identificação.

Sintetizando: as Porta-vozes da memória Avieira são-no porque se posicionaram e foram posicionadas como tal; afinal, pais, irmãos, maridos, filhos, enfim, todos os membros do grupo familiar e da comunidade sabem que elas guardam, que sabem, que fazem e que perpetuam esse saber e esse saber-fazer no “*museu*” familiar, sendo difícil diferenciar entre o que é concreto e o que é abstracto, pois método e símbolo confundem-se na materialização da memória destas mulheres que adoptaram para si a prática de guardar vivências capazes de engendrar histórias.

Mesclando dimensões temporais e espaciais, assim como diferentes personagens, elas são capazes de dedicar horas de trabalho criativo no processo de construir e narrar histórias. Este trabalho é intencional, é uma actividade marcada pelo querer preservar e também remodelar a história de si e da família: é com esta laboração de cerzir diferentes tempos, espaços e personagens que as mulheres Avieiras vão construindo explicações sobre si, a família e a comunidade.

Notas finais

Quando abraço um projecto nada me faz desistir, nem que para isso tenha que desviar uma montanha do meu caminho. O meu lema é repetido vezes sem conta: *Uma obra nunca está acabada. Qualquer coisa que se faça hoje, pode amanhã fazer-se melhor e com mais qualidade.*

Um trabalho de investigação nunca está completo. Considero que ficam ainda pontas soltas que podem e devem ser trabalhadas, proponho-me agora avançar e quem sabe chegar a produzir aquilo que mais ansiava: um romance ficcionado sobre factos reais das vivências das mulheres Avieiras na zona ribeirinha do Tejo.

(...) não sei se as novas gerações vão procurar o futuro baseando-se numa identidade que veio de trás, de muito longe. Quero acreditar que sim... À cautela, deixo-lhes o meu testemunho do que fomos, não para que acreditem, mas para que o discutam. (...) para que esta terra não seja só lugar de estar, mas de ser.”²⁴

²⁴ Prefácio escrito por Senos da Fonseca em “Ílhavo - ensaio monográfico do séc. X ao séc. XX”.

Bibliografia

- Affreixo, J. (1902). *Pescas Nacionaes. A região d'Aveiro*. In: A Tradição, Revista Mensal d'Ethnographia Portugueza Illustrada, 4, Serpa.
- Alves, J. F. (1991). *A pesca e os pescadores do litoral portuense em 1868*. Revista da Faculdade de Letras - História, II - série, Volume VII.
- Amorim, I. (1997). *Aveiro e a sua Provedoria no séc. XVIII (1690 - 1814) estudo económico de um espaço histórico*. Coimbra: CCRC.
- Ariès. P. (1975). *L' enfant et la vie familiale sous l' ancien Régime*. Paris : Editions du Seuil.
- Bertaux, D. (1980). *L'approche biographique: sa validité méthologique, sés potentialités*. Cahiers Internationaux Sociologique.
- Bloch, M. (2001). *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Brandão, R. (1920). *Os pescadores*. Lisboa: Estante Editora.
- Brogger, J. (1992). *Pescadores e Pés-descalços*. Nazaré: Livraria Susy.
- Geertz, C. (1983). *Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology*. New-York: Basic Books.
- Fonseca, J.S. (2007). *Ílhavo: ensaio monográfico do século X ao século XX*. Porto: Papiro.
- Franzini, M. M. (1812). *Roteiro das costas de Portugal*. Lisboa: Imprensa Régia.
- Garrido, A. (1999). *O Estado Novo e o «Regresso de Portugal ao Mar»: a Reabilitação da Grande Pesca*, Lisboa: Academia de Marinha.
- Haguette, T. M. (1992). *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- Hout, R. (1999). *Métodos quantitativos para ciências humanas*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gaspar, J. (1998). *Os Portos fluviais do Tejo*, Lisboa: Europa América.
- Lains, P. (1986). *Exportações portuguesas, 1850-1913: a tese da dependência revisitada*, in 486, *Análise Social*, vol. XXII, nº 91.
- Lopes, A. e Serrano, J. M. (2009). *A Reconstrução do Sagrado. Religião Popular nos Avieiros da Borda d'Água*. Lisboa: Âncora.
- Maneschy, M. C. A. (2001). *Múltiplas atividades femininas nas estratégias de reprodução social de famílias de pescadores*. Belém: Edufpa.
- Marques, R. (1999). *Dicionário breve de pedagogia*. Lisboa: Plátano.
- Mendes, J. A. (1993). *Evolução da economia portuguesa, Vol.V*. Lisboa: Círculo dos Leitores.
- Miles, M. e Huberman, M. (1984). Drawing valid meaning from qualitative data: toward a shared craft. *Educational Researcher*.
- Moreira, C. D. (1994). *Planeamento e estratégias da investigação social*. Lisboa: ISCSP.

- Pereira, H. M. (1971). *Livre-câmbio e desenvolvimento económico: Portugal na segunda metade do século XIX*. Lisboa: Cosmos. Reeditado em 1983, Editora Sá da Costa.
- Nunes, F.O. (1993). *Vieira de Leiria - a história, o trabalho, a cultura*. Edição: Junta de Freguesia de Vieira de Leiria.
- Pernão, M.M.N. (1957). *A Praia da Vieira - Monografia Social*. Trabalho de Licenciatura do Instituto Superior de Serviço Social. Lisboa.
- Quintas, S. &. (1994). *Planificación e intervención socioeducativa*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2000). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Coleção Trajectos. Lisboa: Editora Gradiva.
- Redol, A. (2011). *Os Avieiros*. Lisboa: Caminho SA.
- Santos, M. A. N. (1959). *Os Avieiros [texto policopiado]: Estudo de Geografia Humana*, Tese licenciatura em Ciências Geográficas, Universidade de Lisboa.
- Salvado, M. A. (1985). *Os Avieiros nos finais da década de cinquenta*. Lisboa: Âncora.
- Silva, C. A. M. & Regalla, F. A. F. (1888). *A organização dos serviços das pescas*. Lisboa: Sociedade de Geografia.
- Silva, A.A.B. (1891). *Estado Actual das Pescas em Portugal Compreendendo a Pesca Marítima, Fluvial e Lacustre em Todo o Continente do Reino Referido ao Ano de 1886*, Imprensa Nacional: Lisboa.
- Smith, R. T.(1996). *The Matrifocal Family: power, pluralism, and politics*, London: Routledge.
- Soares, M. M. (1986). *A cultura Avieira. Continuidade e mudança*, In Separata do Colóquio “Santos Graça” de Etnografia Marítima.
- Soares, M. M. (1977). *Mulheres da Estremadura*, Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, n. 83.
- Soeiro, R. B. (1981). *Palheiros de Mira, Formação e Declínio de um Aglomerado de Pescadores*, 2ª ed. Lisboa: CEG.
- Teixeira, J. (2007). *Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal*. Diacrítica Série Ciências da Linguagem, nº 21/1, Universidade do Minho, Braga.
- Vala, J., Monteiro, M. B. (2006). *Psicologia Social*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Véstia, L., Rafael, E. (2011). *Avieiros - Dores e Maleitas*, Lisboa: Âncora.
- Vidigal, L. (1996). *Passos Manuel e o Liberalismo - Santarém e o pronunciamento nacional de 1846*. Santarém: ESES.
- Vidigal, L. (1996). *Os Testemunhos Orais na Escola- História Oral e Projectos Pedagógicos*. Porto: Edições ASA.
- Villaverde, M.C. (2000). *Portugal na Alvorada do Século XX*, Lisboa: Editorial Presença.

Web fontes

Pesavento, S. J. (2010). Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. S. Paulo.

Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>. Acesso em 16 maio 2013.

Anexo de Fotografias

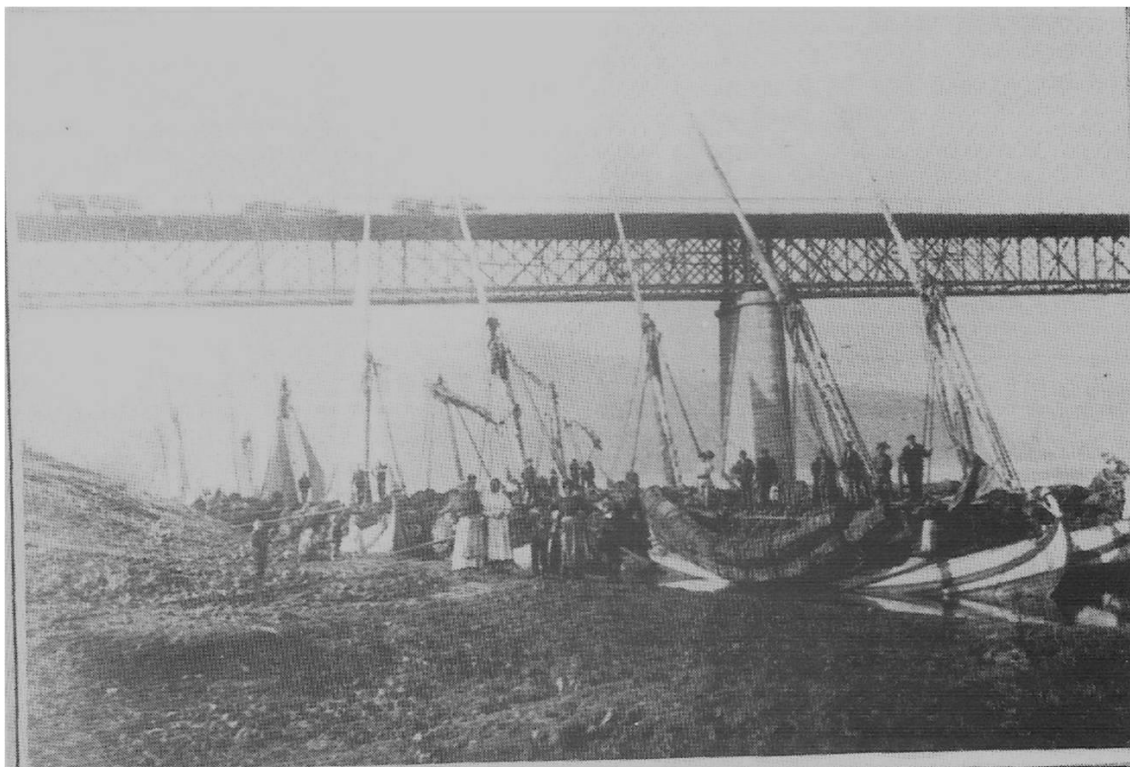


Figura 1 – Barcos de água acima no porto da Ribeira de Santarém



Figura 2 – Barco meia-lua a entrar no mar da Vieira



Figura 3 – Bateira “lar de Avieiros”



Figura 4 – Palheiro da Praia da Vieira de Leiria

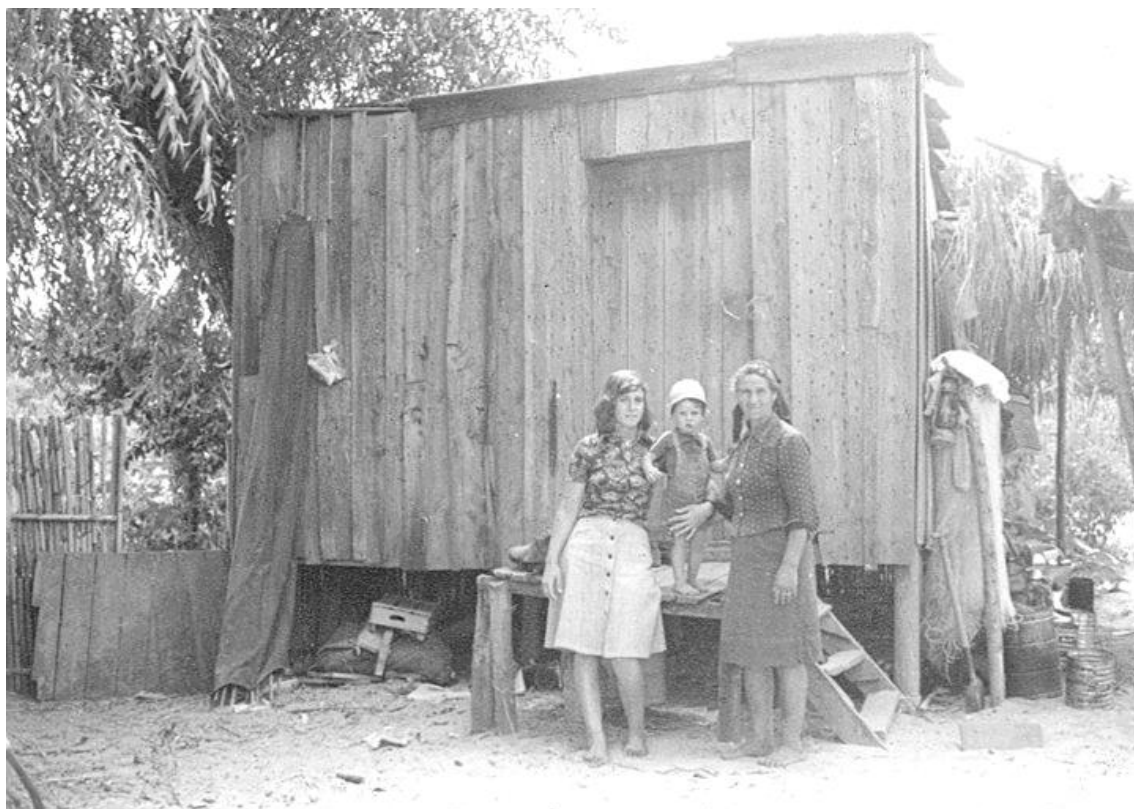


Figura 5 – Barraca Avieira na zona ribeirinha do Tejo



Figura 6 – Família Avieira preparada para a faina



Figura 7 – Faina nocturna



Figura 8 – Mulher Avieira a costurar dentro do barco



Figura 9 – Criança Avieira a amanhar peixe dentro do barco



Figura 10 – Mulheres Avieiras de partida para a venda do peixe



Figura 11 – Mulheres Avieiras de cesta à cabeça de regresso da venda do peixe



Figura 12 – Casamento Avieiro



Figura 13 – Retrato de uma família Avieira (pais e filhos)



Figura 14 – Diploma outorgado aos Porta-Vozes da memória Avieira

Anexo I

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada no âmbito da investigação de campo, referente ao trabalho de pesquisa intitulado “*Porta-vozes da Memória Avieira*”, desenvolvida por Maria de Lurdes Pinto Silva Farinha Morgado Véstia para a realização de uma tese de dissertação de Mestrado. Fui informada de que a pesquisa é orientada pelo Docente Luís Vidigal, da Escola Superior de Educação de Santarém.

Afirmo que aceitei participar por vontade própria e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informada dos objectivos académicos do estudo, que, em linhas gerais é o de preservar as aptidões e técnicas necessárias às manifestações avieiras, no feminino, consideradas de valor histórico e cultural.

Fui também esclarecida de que a análise de conteúdo das informações por mim cedidas, para a realização deste trabalho, poderão eventualmente vir a ser publicadas no âmbito do Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional, do Instituto Politécnico de Santarém.

A minha colaboração será feita por meio de uma entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.

Certifico que recebi uma cópia assinada deste Termo de Consentimento.

Alpiarça, 18 de Junho de 2012

Assinatura da participante **Iria Fragata Grilo**

(Por carimbo com o dedo por não saber assinar)

Assinatura da pesquisadora:

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada no âmbito da investigação de campo, referente ao trabalho de pesquisa intitulado “*Porta-vozes da Memória Avieira*”, desenvolvida por Maria de Lurdes Pinto Silva Farinha Morgado Véstia para a realização de uma tese de dissertação de Mestrado. Fui informada de que a pesquisa é orientada pelo Docente Luís Vidigal, da Escola Superior de Educação de Santarém.

Afirmo que aceitei participar por vontade própria e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informada dos objectivos académicos do estudo, que, em linhas gerais é o de preservar as aptidões e técnicas necessárias às manifestações avieiras, no feminino, consideradas de valor histórico e cultural.

Fui também esclarecida de que a análise de conteúdo das informações por mim cedidas, para a realização deste trabalho, poderão eventualmente vir a ser publicadas no âmbito do Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional, do Instituto Politécnico de Santarém.

A minha colaboração será feita por meio de uma entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.

Certifico que recebi uma cópia assinada deste Termo de Consentimento.

Vale de Figueira, 10 de Maio de 2012

Assinatura da participante **Emília Branha Lameira**

(Por carimbo com o dedo por não saber assinar)

Assinatura da pesquisadora:

Anexo II

Estrutura de uma entrevista, com os tópicos a abordar, no âmbito do PNCA e que se adoptou como ferramenta de trabalho.

1. Caracterização - A vida de Avieiro / a chegada à Borda-d'Água/ a vida do dia-a-dia / mudança para outras aldeias Avieiras e razões / tipos de trabalho que faziam em épocas de míngua ou de escassez total.
2. Estrutura Familiar - A família / n.º de pessoas por família / n.º de filhos / os avós e onde viviam / dava-se abrigo a outros membros da família e por que razões / a liberdade das moças / o namoro / as formas por que se processava a aproximação entre os jovens casais / a aprovação ou desaprovação das famílias / com que idade se começava a namorar / com que idade casavam / as relações sexuais eram permitidas antes do casamento / cerimónias por igreja / cerimónias por civil / quem dava o consentimento / como era os casamentos / como eram as festas de casamento / como se iniciava a vida dos recém-casados / as uniões entre Avieiros da mesma aldeia ou de aldeias ou comunidades Avieiras do Tejo / os filhos / a educação dos filhos / A instrução das crianças / as idas à escola / o absentismo e o abandono escolar/ a vida militar e a guerra / a fidelidade entre casais.
3. Memórias - Como encaram o passado / memórias da aldeia / memórias dos habitantes / quantos habitantes em média na aldeia / quantos homens e quantas mulheres / as alcunhas e o seu significado, os nomes das pessoas / os nomes das famílias.
4. Mulher avieira - Complementaridade do trabalho dos membros do casal / o trabalho das mulheres: remar o saveiro – deitar as redes – pescar – ajudar o marido nas safras – cozinhar (onde, quando, como, o quê) - ter filhos e cuidar deles (conciliação) – a maternidade (onde e como) – cuidados de higiene / a voz das mulheres na família / a voz das mulheres na comunidade / patriarcado puro / o homem é que manda / tradição férrea.
5. Homem Avieiro - A preparação das pescarias / as redes / a escolha dos melhores locais para a pesca / os sucessos e as frustrações / a faina / relação homem-mulher.

6. Barco Avieiro - A vida dentro do barco / a liberdade de movimentos / o individualismo / tripulação típica: o arrais e a camarada (seria sempre assim?) / características dos barcos / quem fazia os barcos / eram logo comprados / podiam pagá-los aos poucos? / onde era o estaleiro de produção / cuidados permanentes a ter com os barcos e papel dos membros da família e da tripulação / pediam dinheiro emprestado para comprar os barcos / pediam emprestado para comprar os outros meios de produção / como conseguiam construir os seus barcos e as suas casas, com que meios / até onde iam de barco para comprar e vender produtos / qual era o seu raio de acção / quanto tempo poderia demorar uma viagem mais longa.
7. Casa Avieira - A habitação e a sua evolução / a construção das primeiras casas (como eram, onde se localizavam, de que materiais eram feitos) / a precariedade / as cheias / as características das habitações (divisões, materiais) ao longo dos tempos / como vivia a família / os animais.
8. Faina e artes de pesca - O que é que cada família possuía como meios elementares de produção: as redes, o barco, o toldo / características dos barcos e funções de acordo com os tipos de pesca e de posses das famílias / que tipos de redes: tarrafas, camaroeiros, botirões, nassas / que funções para as redes / que tipo de peixes e em que épocas do ano / posse de rede tinta e/ou rede varina / como faziam para a sua manutenção / fabricavam alguns produtos de conservação das redes a partir de produtos naturais que colhessem / como conservavam o peixe / o rio era de todos ou tinham áreas marcadas para pescar / discutiam entre si a distribuição dos lugares para a pesca / como faziam para os determinar durante todo o ano / se houvesse mais pescadores e mais familiares a querer pescar nessas águas.
9. Comercialização - As vendas de peixe / o mercado na vila / a aceitação do pescado / como se deslocavam para o mercado / onde aplicavam o dinheiro da venda / havia intermediários no negócio / ou tudo aproveitava só aos pescadores.
10. Relações Sociais - As relações sociais com os autóctones / as amizades / as inimizades / as desconfianças / as quezílias / as disputas.

11. Trabalho rural - A luta pela sobrevivência / As relações sociais e económicas (contratuais) com os proprietários de terras / quem possuía as terras fronteiras às aldeias / Condições para a transição para o trabalho na terra / as relações de conflitualidade com os proprietários de terras / como conseguiam arrendar as terras / chegaram a comprar terras.
12. Gastronomia - Plantas comestíveis dos campos / a solidariedade dos operários agrícolas / o que se comia em épocas de penúria / as privações / o regime alimentar / os alimentos e a forma de os preparar / nas épocas de falta de tudo, como é que conseguiam algo para comer e o quê / produtos complementares da base alimentar (batatas, cereais, óleos) /
13. Saúde - A saúde e os cuidados de saúde / a precariedade dos cuidados / a maternidade e o cuidado dos filhos / a assistência na maternidade
14. Religiosidade - A religião e os cultos / eram praticantes / frequentavam a igreja nalguma altura festiva / como celebravam o Natal / como celebravam as festas cristãs / a igreja interessava-se por eles / receberam alguma vez a visita de padres / o culto dos mortos / o luto / os funerais / o cemitério / o local da sepultura / rituais fúnebres.

Anexo III

Entrevista 1 – Iria do Touco

O encontro com Iria do Touco redundou em 2 horas e 20 minutos de gravação. Abaixo reproduz-se na íntegra a transcrição da entrevista realizada.

Iria Fragata Grilo - Alpiarça - 18 de Junho de 2012 - *(sem revisão de texto)*

Presenças: Iria Fragata Grilo (I) e Lurdes Véstia (LV)

LV: Vou começar por perguntar a sua idade e o nome para ficar registado.

I: Aaaah a menina quer saber a *nha* idade, *né*? Tenho 84 anos, nasci a 31 de Dezembro de 1927...[suspiro] Já não falta muito, já tenho o coração nas mãos [sorriso tímido].

LV: Por ir ter 85 anos? Não se preocupe com isso. Chama-se?

I: Iria Fragata Grilo. Os *mês* sogros eram da Vieira, os *mês* avós eram da Vieira, os *mês* pais é que já nasceram cá.

LV: A senhora foi sempre pescadora?

I: Olhe lá! Nós éramos 8 irmãos [pausa e retira do bolso três fotos que coloca no regaço]..., eu *comecê* a trabalhar com 10 anos, só um é que sabia ler! Eu tinha 11 anos e já andava com uma quarta de água à cabeça e a trabalhar a sachar favas, a ganhar a 25 tostões e as mulheres a 5 escudos e eu no meio das mulheres...[pausa] andava uma mulher, andava uma cachopa...[pausa] andávamos assim em carreirinha [gesto ilustrativo com ambas as mãos] e *na* tínhamos *orde* de *alevantar*. E *ódepois* quando a gente via as mais velhas, coitadas porque também queriam *alevantar-se* um bocadinho, se a gente se *alevantasse amergunçavam* a gente *pra* baixo. Logo! [gesto de impaciência] Havia uma capataza, que era *danada dum corno* para puxar pelas mulheres. É verdade! [gesto de assentimento com a cabeça] E apanhar grama... era no lezíria do lado de lá do Tejo... [assinala com a mão direita] a gente morava do lado de cá, mas a gente tinha que ir passar ao barco para lá tirar grama...tão pequenita...[suspiro] logo de madrugada...

Fui pescadora desde que casei até vir *pra qui pra* Alpiarça. Mesmo a viver aqui ainda ia muitas vezes pescar lá ao Tejo.

LV: Como é que se chamava o sítio onde morava?

I: Morava no Touco.

LV: Era local em que vivia muita gente?

I: Era pouca gente. A gente era um casal assim pequeno, [encolhe os ombros] que era tudo família. Mas eram muitas barracas.

LV: Quantas famílias?

I: Eram muitas, umas vinte ou mais famílias, viviam pela borda do Tejo, *na* havia rua entre as casas. Até os pilares da barraca eram ferrados mesmo à bordinha de água. Olhe lá quando eram as cheias muito grandes [gesto de receio], a gente estava num dique a morar, era a galgar a água para o lado de cá, fazia um barulho terrível.

LV: E as barracas ficavam em cima...

I: Do tapadão. Aquilo fazia muita corrente. Eu a conversar em casa com o *mê* marido e a gente não se ouvia um ao outro [sorriso].

LV: Vocês não tinham medo de lá estar nessas alturas?

I: Nunca tive medo [gesto de negação com o dedo indicador]. O *mê* marido ia para a estrada passar pessoal, da Tapada para Almeirim, e eu ficava ali sozinha em casa com os filhos, com aquela corrente... Tínhamos uma cozinha assim ao lado [gesto com as mãos a indicar o lado esquerdo] e quando começava a encher, a gente enchia de terra uma caixa das sardinhas e púnhamos na varanda para fazer o *comerzinho*. Quando era pela *nôte* adiante abrandava a água e eu dizia: “*ah filhos na tenham medo porque a água já abrandou*”.

LV: Os pilares onde assentava a barraca nessa altura eram de madeira ou de cimento?

I: De madeira. Esta barraca onde eu agora vivia é que já era de cimento nos pilares. Era...era... a barraca era de madeira.

LV: E o chão?

I: Era tudo de madeira de freixo, de salgueiro, de oliveira. Uma vez uma cheia escavou um pilar meu e ficou a *nha* casa assim toda de lado [gesto com as mãos para indicar descaído]. Tive que fugir para casa de uma vizinha. Quando a água vazou...porque a gente ficava trancadas e *na* podíamos sair *nim* nada...e tinha aquelas vinhas e tinha aquelas covas, a gente chamava-lhe as alvercas, depois *na* podíamos passar para vir para cá.

LV: Viveu dentro do barco?

I: *Nã*, eu *nã*...mas no tempo que ia-mos para a pesca do *sávele* dormíamos dentro do barco e quando já tinha os *mês* filhos eu dormia com o *mê* marido dentro do barco porque ia-mos pescar durante a *nôte* e os *mês* filhos dormiam com os *mês* sogros na areia das praias do rio debaixo de *toldes*.

LV: E nessa altura de cheia como era para vir até Alpiarça?

I: Tanta vez que eu passei com água [suspiro]. De tanto gelo até queimava as pernas, ficavam muito encarnadas! A gente passou... [pausa e dá uma olhadela nas fotos que mantém no regaço] ouça lá! E a gente andar a pescar, com ondas muito grandes, *pra* ver se ganhava alguma coisinha... que era fome ... *pra* ganhar alguma coisinha de comer... *pra* ir no outro dia a Alpiarça a pé, pelo campo *afora*...fazíamos tudo estrada acima a pé, com os cestos à cabeça, carregados de peixe e íamos vender à praça, sempre a pé, sempre a pé [gesto de cansaço]. *Pra* lá e *pra* cá. Dantes *na* havia carros *nim* nada como há agora. *Nim* havia dinheiro *pra* eles...passámos muito no Tejo [suspiro profundo].

LV: Teve algumas vezes medo de andar na pesca durante a noite?

I: Confesso que algumas vezes tive medo [franze o sobrolho]. Uma das vezes foi numa *nôte* em que fomos pescar para um sitio na vala de Alpiarça que era proibido pescar “*mas tínhamos de arriscar*” e enquanto andávamos a deitar as redes vimos uma luz na margem e começamos a ouvir vozes...tivemos de recolher as redes e fugir saindo da vala abandonando o barco e fugindo a pé pelo campo levando o *mê* marido as redes todas às costas e eu atrás dele até chegarmos a nossa casa.

LV: E como era andar no Tejo durante as tempestades?

I: Ui ui era a enfrentar as ondas...disso é que eu tinha muito medo. Quando era a largar as redes, *pra* pescar, vinham aquelas ondas e ter que ter o barco direito a favor do vento...[pausa] vinham às vezes ondas que até entravam dentro do barco. Tinha muito medo [pausa prolongada]. Olhe menina...uma vez comigo... o *mê* filho aqui entre os joelhos, deitado e a dormir, e o *hóme* era só assim “*endreita o barco*”, “*endreita o barco*”, eu ia largar, mas eu que tinha medo de ir atrás das redes quando as largasse...[gesto de impaciência]. Tinha muito medo. Veio uma onda e ficou tudo raso de água. Depois meti o filho debaixo da proa, onde estavam as mantas molhadas e eu e mais o *mê* homem, o resto da noite, foi sempre acima e abaixo, abaixo e acima, todos molhadinhos.

LV: E recorda mais alguma história desses dias de tempestade?

I: Quando éramos mais novos eu e o *mê hóme* andávamos a pescar à sociedade com uma irmã minha...[pausa e dá uma olhadela nas fotos que mantém no regaço] um dia a gente vai então assim “*a gente ferramos aqui a vara e dormimos aqui um bocadinho até a Lua se pôr*”, porque às escuras apanhava-se mais peixe. Vai daí deitámos no barco [gesto com as mãos de estender]. A gente tinha uns *tóldezinhos*, a gente botava aquele arco e depois botava os *tóldes* na proa, tapávamos com um lençol, por causa da maresia ou da chuva, estávamos deitados, eu já estava a dormir e só o *mê* marido é que não estava, estava acordado ainda, mas não deu por ela... e ouviu *catrapum*... era a minha irmã. Atirou-se ao Tejo. Estava a sonhar que a filha tinha caído ao Tejo e ela atirou-se à água para a agarrar “*ai a minha menina, ai a minha menina*” vai o *mê* marido é que lhe pôs a mão quando ela ia para baixo do barco “*Oh Eduardo, oh Eduardo!*”, vai agarrou-a a trouxe-a “*ah cachopa porque é que fizeste isso?*” “*ai! estava a sonhar com a minha menina, que caiu à água, e eu atirei-me ao Tejo para agarrá-la!*”. [pausa prolongada] Era uma vida difícil. Mas olhe, eu pensei sempre em morar no Tejo. A *nha* irmã é que não. Ela dizia “*não me fales nisso! Só as cheias que eu lá passei!*”. Olhe menina eu quando os filhos eram *piquenos*, e *pra* remar mais descansada, amarrava-os à *nha* cintura com uma corda [gesto com as mãos à volta da cintura], assim já sabia quando eles se mexiam...

LV: Você casou com um pescador porquê?

I: Antes *na* aceitavam rapazes de fora [sorriso]!

LV: Casou com que idade?

I: Eu casei com 19. Mas namorei 9 anos.

LV: Então você começou a namorar aos 10 anos?!!!

I: Mas eu já fui grávida [sorriso]. Namorávamos só de mês a mês. Só de mês a mês é que a gente tinha *orde* de namorar.

LV: Era ao domingo?

I: Era ao domingo, pois [sorriso]. De quatro em quatro domingos é que a gente namorava, veja lá [sorriso] !!!!!. O *mê* marido era da família mais pobre que havia dentro do Tejo.

LV: O que é que quer dizer família mais pobre? O que é que as pessoas tinham que ter para ser ricas?

I: Prontos ! O *mê* não era rico porque o pai *na* era rico. Tinha oito filhos e *na* era rico. Mas na ideia dele... Nunca passámos fome, porque a *nha* mãe, coitadinha arranjava isto. Nunca! Nunca foi pessoa assim de mimices *nim* nada... Foi sempre [pausa]... porque dantes a gente [pausa prolongada e dá uma olhadela nas fotos que mantém no regaço]... havia muito rabisco, milho e feijão, *na* lezíria e a gente ia ao rabisco do milho e do feijão e depois tínhamos sempre feijão. E tínhamos azeite. Arranjávamos azeite do rabiscão e do rabisco, fazíamos água-pé...[sorriso rasgado].

LV: Explique lá qual era a noção de riqueza. Porque as pessoas só tinham o barco para pescar... riqueza era ter barcos melhores?

I: Uma varina que tinha a rede do *sávele* era a que valia mais dinheiro... aí está [encolhe os ombros]. E era alguma que tinha algum cordãozito ou assim... A gente *pra* casar, eles tinham que levar um barquinho, tinham que levar as redes *pra* gente se governar. O *mê* marido foi tão pobre que *na* levou barco...o *mê* pai é que comprou... ele é que foi comprar... quem pagou foi a gente... depois o *mê* pai fez um barquinho à gente, mas eu servi-me com o barco do *mê* pai... o *mê* marido não levou o que os outros pescadores levaram [suspiro].

LV: Ainda se lembra de como é que foi o dia do vosso casamento?

I: *Atão na me lembro!? Eu ia grávida e dantes usava-se o fato branco, na é? E quando foi a nha mãe para ir comprar-me o fato, ainda me lembro tão bem [sorriso], o senhor que estava a vender os fatos pôs um verde e um cor-de-rosa muito clarinho. E eu queria o outro que era mais escurinho. Eu estava grávida. Vai, uma senhora que lá estava disse “ai, a menina é tão novinha, leve este!”, que era o cor-de-rosa. Mas lá tanto teimou que eu trouxe o fato cor-de-rosa [encolhe os ombros]. Vai, casámos! Dantes as nossas bodas eram ao ar livre “era três dias e três noites”... era à sexta, ao sábado, ao domingo e acabava à 2ª feira ao almoço. Mas no dia em que eu me casei, tinha a mesa posta, chove uma trovoadas d’água...*

LV: Foi um casamento abençoado ou não?

I: Graças a Deus....Vai então, estava tudo à mesa e elas a vestir-me e cai uma trovoadas que ficou os pratos *razinhos* com tanta água [sorriso rasgado].

LV: Ficou a boda estragada?

I: Nãaaa [gesto de negação com a cabeça]...era tudo tapado com rama...Os *mês* sapatos pareciam de *home*, de sola de *salão* assim de atacar [gesto com as mãos]. Fui *pra* a igreja a pé, era tanta *lavoada* de água. A pé *pra* lá e até *pra* cá. E o acordeonista atrás a tocar [sorriso]. A gente de lá *pro casamento* era meia hora a andar. Mas quando vim já *na* estava a chover. Já tinha chovido a trovoadas de água. Andava o pessoal a vindimar [sorriso]...

LV: Vocês comiam antes do casamento? Era assim o hábito dos pescadores Avieiros?

I: Hummmmmmm almoçávamos e *ósdepois* é que íamos casar. Mas às vezes não, era conforme o padre que fazia o casamento, está a compreender? Se fosse *pra* casar de manhã, era o almoço da parte da manhã e se fosse da parte da tarde, tínhamos que almoçar primeiro e depois casar. Mas o casamento das pescadoras era *muita* lindo!

LV: O que é que vocês comiam?

I: Tudo quanto era bom [sorriso]. Verdade [olhos muito abertos] ! A gente antes de casar, quer fosse casamento à pressa ou não... o noivo criava dois carneiros,

íamos roubar azeitona, roubar não [sorriso]..., íamos *pra* o rabisco, as mães criavam galinhas *pro* dia do casamento e eram casamentos bonitos. E era uma cozinheira especial *pra* fazer o comer à gente, tocadores bons para tocarem. É que havia alegria [sorriso rasgado]!

LV: Dançar e beber durante três dias!

I: Dançar e beber... os carneiros *pindurados*, os porcos *pindurados*... era hábito os pescadores roubarem carneiros para os casamentos.... *adentro* das vinhas... “*Ai Jesus, que roubaram um carneiro!... Ai Jesus, que roubaram as galinhas!*” [sorriso rasgado]. [pausa prolongada] Havia muita alegria e amor. Agora *na* há. É só raivas e invejas... velhaquices... *na* ouvem a palavra de Deus. *Na* têm amor, *na* têm nada a ninguém. Raivas e invejas. Cada um *pra* si [pausa]. Dantes os pescadores eram [pausa]... Havia um que estava no hospital... nós somos os ciganos do mar... ia tudo ao hospital para ver... “*Ai Jesus!, ai Jesus!*”... Agora esteja um, esteja dez, esteja catorze, só as famílias os vão visitar. *Na* há unidade nenhuma.

LV: Quando fizeram o vosso casamento, todos os da terra foram?

I: Era raro *na* ir alguém. No *mê* casamento fui à missa lá na igreja de Alpiarça, levei muita gente [gesto largo com os braços]. Como era muito longe viemos de carroça. Eram *pra* aí umas nove ou dez, enfeitadas, *pra* aqui vim à frente de todas, *pra* lá fui atrás de todas. Verdade [sorriso]. Foi bonito. De charrete foi muito bonito [sorriso rasgado].

LV: Iam à missa aos domingos ou não?

I: A gente nunca ia à missa! Agora é que vou. Agora todos os domingos vou à missa.

LV: Vocês não iam à missa porque não tinham tempo, não?

I: Tínhamos tempo, mas *na* indicavam a gente *pra* a missa, os *mês* pais também *na* mandaram a gente *nim* nada...

LV: Para além da festa do casamento, que festas é que faziam durante o ano?

I: Era bailes, com acordeonistas.

LV: Não iam a romarias nenhuma por aqui?

I: Nada. Íamos à feira da Piedade a Santarém. Íamos com o comer feito e os pescadores uns à vara e outros a remarem.

LV: Atracavam os barcos onde?

I: Era nas Ómnias. [pausa e dá uma olhadela nas fotos que mantém no regaço] Olhe menina havia lá uma quinta que tinha dois cães verdes, uma vez o *mê* irmão era *piqueno* e correu à frente da gente, bate com os olhos naqueles dois cães e arrancou a fugir, a chorar, com medo dos cães...Havia muita gente que *na* se calçavam ali, levavam os sapatos e só à estrada de Santarém é que se calçavam e depois íamos à feira da Piedade. Aí ia a gente, todos à festa, levávamos o *comerzinho* feito [suspiro]...

LV: Lá na terra, por altura da Páscoa e do Natal, não faziam festas?

I: Festas, sempre. Sempre bailes. No Carnaval era com as roupas rotas, todas esfarrapadas, fazíamos umas marrecas muito grandes [gesto com as mãos em concavo]...Fazíamos baile à porta desta, fazíamos baile à porta daquela...a gente era só por paródia [sorriso]. E no dia de Natal andávamos a comer *velhozes* daqui e dacolá, fazíamos judiarias... brincadeiras.

LV: Não faziam a fogueira do Natal nem a fogueira dos Santos Populares?

I: *Na* [gesto de negação com a cabeça]. Fazíamos no Ano Novo, íamos buscar salgueiros grandes, acendíamos o lume e fazíamos fogueiras grandes. Nos Santos fazíamos aquelas grandes fogueiras... então se fazia frio e a gente ali a assar castanhas e a fazer paródia [pausa] ...iam eles à fataça e assavam lá.

LV: Na Páscoa trocavam amêndoas com os rapazes?

I: Quando era pela Páscoa ...a gente sabia bordar... fazíamos uns saquinhos, todos bordados, com *bicozinhos* tudo à volta e raminhos. Entregávamos aos rapazes e eles compravam as amêndoas, metiam dentro daqueles saquinhos e é que davam à gente [sorriso]. A gente *jogava* aos compadres e às comadres. Ainda hoje que já somos velhinhos dizemos “*Eh compadre*”. O rapaz levava amêndoas e a rapariga dava-lhe um lenço de assoar.

LV: E quando já namoravam?

I: Era a mesma coisa! Era um rapaz qualquer, era quem calhava. A gente *na* tinha *coiso* pelos namorados... como há agora [sorriso] !!!

LV: Como era a vida entre marido e mulher?

I: Não levei muita tarefa...embora algumas vezes tenha apanhado. [suspiro] Uma das tarefas que eu me lembro foi uma vez por causa da *nha* filha que quando era *piquena* foi brincar com um molhe de canas que o *mê* marido tinha preparado para as redes e ela derrubou, quando vi e ao pensar que ela se tivesse aleijado pois as canas tinham as pontas afiadas corri para ela e ele queria-lhe bater como eu *nã* deixei acabei por levar eu...mesmo em frente á *nha* irmã e ao *mê* cunhado mas apesar disso não fizeram nada para impedir que ele me batesse [suspiro]. Tirando isso sempre nos demos bem pois ele era bom *pros* filhos pois nunca deixou que lhes falta-se comida.

LV: E como era quando o homem morria e a mulher ficava nova e com filhos para sustentar?

I: *Na* era fácil...nova ou velha era igual...era pegar no barco e ir fazer o trabalho [encolhe os ombros] !!!

L.V: E iam sozinhas? Não voltavam a casar?

I: Umas vezes iam sozinhas e outras com irmão ou irmã, depende...voltar a casar houve *prá* ai uns que se *ajuntaram* mas casar *nã* conheço ninguém.

L.V: E quando morria alguém como era o velório e depois o enterro?

I: Ó menina era uma tristeza muito grande...as mulheres choravam muito alto e *vestiam-se de dó* durante muito tempo...algumas *pra* vida !!! O velório era feito nas casas da gente. E *ósdepois* era levado *pró* cemitério pelos nossos, a pé. E no funeral tinha de ir o padre...funeral que *nã* tivesse padre era muito falado !!! E a campa levava um mármore, e lá punha-se o desenho do barco....*pra* saberem que era de um pescador.

LV: Como eram as vossas relações com os de fora da comunidade?

I: Sempre nos demos bem com os agricultores e com os senhores das quintas e mesmo com as pessoas da vila, embora, uma vez por outra, nos desentendíamos com os donos dos terrenos vizinhos mas era só por causa dos miúdos pois eles iam roubar fruta das árvores que os agricultores tinham nas terras mas *pra* além disso sempre nos demos bem com todos.

LV: Há bocado falou do trabalho no campo e dos patrões. Eles gostavam de vocês?

I: A patroa e a filha foram madrinhas de quase os filhos todos da *nha* mãe. [pausa e dá uma olhadela nas fotos que mantém no regaço]. A gente ia... [pausa] vinha a Páscoa e ela dava sempre o folar à gente. Foi até ela morrer e depois foi a filha. Penso que a filha já morreu também. Ela fez de conta que era a mãe da gente todos. A gente era 8 irmãos e um era coxinho, deu-lhe um ar e tinha uma mão e um pé *deslembrados* e a patroa dizia assim *prá* *nha* mãe “*Oh mulher, tu tens que ensinar o teu filho a ler*”. “*Ah nha madrinha então quem é que o leva para Alpiarça? Como é que posso, se na tenho posses?*” “*Deixa lá, descansa, que ele tem que aprender a ler*”. Assim foi. O Zé aprendeu a ler porque ela arranjou e um criado ia levá-lo à escola e vinha trazê-lo.

LV: Quando andavam na pesca e a vender, quando estavam doentes, como é que tratavam as doenças?

I: O que as mães ou avós sabiam...elas faziam mezinhas de tudo [sorriso]. Até aguardente com açúcar davam à gente [sorriso]. Para a constipação a *nha* mãe era aguardente mesmo *colhada* com açúcar. Ou *atão* era com tintura de iodo...Eu ainda faço isso, tintura de iodo com café quente, ainda hoje faço. [pausa] Mas, olhe lá, éramos todos saudáveis! Agora é que é tudo doente. A gente às vezes estava lá no Tejo e ouvíamos tocar os sinos e depois o *mê* pai, que Deus tem, dizia assim: “*Olha, mais outro que lá vai*”, que era quando morria outra pessoa. E a gente *pinsava*: “*somos saudáveis, estamos aqui à borda do Tejo*”... e era verdade, era muito verdade. A gente era muito raro estar doente. A gripe apanhava-se muito [pausa]...mais de resto [pausa]...na!!!

LV: Ora diga-me lá quando tinham dores de estômago, por exemplo, como é que as tratavam?

I: Era “*chá do freixo*”. Era uma erva, parece que a estou ver no meio dos salgueiros...

LV: Como é que faziam o chá do freixo?

I: Era a folha do freixo, os rebentos e eram fervidos. Era isso e era os botõezinhos das silvas, da amora, a *nha* sogra não sei quantos anos bebeu o chá da folha dos *marmeleros* bravos pra *atenção* alta [sorriso rasgado].

LV: E quando as pessoas tinham tosse?

I: Pra a tosse eram *lambedores*. Ferviam-se passas de figo seco e depois punham muito açúcar e assim era aquele *lambedor* e também o *lambedor* das ortigas.

LV: Chás das ortigas?

I: Faz muito bem à falta de ar. Eu tenho bronquite e fazia muita vez pra *nha* mãe.

LV: Vocês comiam o quê no dia-a-dia?

I: A gente só comia saramagos, grisandas e pampostos. Só comíamos coisas dessas [pausa].... Grisandas é uma erva que deita uma flor amarela e eu gosto muito daquilo. De pampostos eu *na* gostava muito porque era muito macio [careta]. Cangarrinhas, saramagos. Fazíamos sopa disso, *botava-se* um bocadinho de toicinho, de morcela, era o conduto [pausa]... uns baguinhos de arroz e comíamos sempre. Olhe menina nunca deu para mais [encolhe os ombros e dá uma olhadela nas fotos que mantém no regaço voltando a metê-las dentro do bolso]... *Na* trouxe as *nhas* horas...

LV: São seis horas.

I: Ainda é cedo.

LV: Estivemos juntas 97 minutos e quero agradecer bastante a sua colaboração.

I: Gostei de estar consigo.

Entrevista 2 – Emília da Bica

O encontro com Emília da Bica converteu-se em 2 horas e 32 minutos de gravação. Abaixo reproduz-se na íntegra a transcrição da entrevista realizada.

Emília Branha Lameira - Vale de Figueira - 10 de Maio de 2012 - (*sem revisão de texto*)

Presenças: Emília Branha Lameira (E) e Lurdes Véstia (LV)

LV: Boa tarde, pode dizer-me o seu nome para começarmos a nossa conversa?

E: Emília Branha Lameira. Mas aqui conhecem-me por Emília da Bica...sabe é *pra destrinçar* [sorriso] !!!

LV: E que idade tem?

E: 80 anos. Nasci a 04 de julho de 1932.

LV: Lembra-se dos nomes dos seus antepassados?

E: Não conheci os *mês* avós porque o pai da *nha* mãe morreu afogado no mar e o pai do *mê* pai [pausa]...quando o *mê* avô morreu a *nha* avó ficou grávida do *mê* pai. Nem ele conheceu o pai. A *nha* mãe era Clara Lameira e o *mê* pai Manuel Custódio Brenha...[pausa] eu sou prima carnal do *mê* marido. O *mê* sogro chamava-se António Charana e a *nha* sogra era Emília Fernandes, ela não sabia o nome porque ficou sem mãe de pequenina e toda a gente a chamava de Emília Pedreira. Mas ela não era Emília Pedreira, era Emília Fernandes [pausa]...a *nha* mãe deixou uma irmã na Vieira. Na Vieira ainda lá há família. A família do *mê* pai era Branhas.

LV: Branhas há também em Alpiarça, no Patacão...

E: É tudo da *nha* família [sorriso]...

LV: A senhora foi pescadora até quando?

E: Eu fui criada no barco e se calhar até feita, eu sei lá [pausa]... é verdade, estou a falar de honra [sorriso rasgado]...Olha, até [pausa]... sei lá!, é *na'sê*, o *mê* marido nunca foi assim muito de pescar, mas ainda pescámos [pausa]... *q'ando* era nova, cachopa, *c'o* *mê* pai e *c'a* *nha* mãe, juntos, íamos *p'o* *sávele*,

em Salvaterra , em Valada, mais para baixo do Escaroupim, para a Casa Branca. O *mê* pai, os outros da idade dele, *ajuntavam-se*, assim uma comparação 5 e 6 e íamos lá para baixo para o *sávele*. A gente carregávamos os barcos e íamos lá para baixo para o *sávele* ...

LV: Isso era quando?

E: *Inté* o *sávele* acabar. Se viesse uma cheia a gente tínhamos que *arrincar*, o *mê* pai e a *nha* mãe, desde Março ou Abril sem vir a casa meses, *poi*, e se viesse uma cheia a gente *tínhamos* que vir embora *pra* casa. *S'a* água tornasse a *basar* íamos *ótra* vez [pausa]...Se tivesse já no tempo da saboga já não ia *proque* a gente já *n'apanhava*. Era assim [encolhe os ombros]! Dormíamos todos...numa coisinha *qu'a* gente chamava-lhe um *tólde*, com uns *óleos* por cima e *q'ando* chovia o *mê* pai lá andava de volta do *tólde* a fazer regos para a água *na vir* lá *pra* dentro...[fala em catadupa e não a interrompo]. No caso do *mê* pai [pausa e mudança de tema]... a gente fala assim [pausa]... na andei na escola [pausa e retoma o assunto de atrás]... uma enxadita ou com uma coisa *q'alquer* a fazer um rego *pra* água correr *pra na* ir lá para dentro *pra*... de onde a gente dormia. Era assim! [pausa] *Ópois* quando se acabava o *sávele*, a gente vinha *pra* cima *inté* Abrantes, *inda pra* cima d'Abrantes. *Pra* Barca do Pego e aí íamos pelo Tejo acima a remar, uns à vara e outros a remos...

LV: Para apanhar a saboga?

E: Não, a saboga a gente não apanhava aí, era aqui em baixo. Íamos apanhar bogas, barbo... o que vem à rede é peixe, já se sabe, é o ditado [sorriso]. E vendíamos no Entroncamento e íamos vender assim...[pausa e mudança de tema]... tenho lá um irmão que mora em Tancos, que ficou *pra* lá, tenho lá um cunhado que mora na Praia do Ribatejo e que também *pra* lá ficou...

LV: E isso na altura em que você era solteira ainda...

E: Não, já era casada e em solteira também *pra* lá andei *co* *mê* pai.

LV: Você casou com que anos?

E: Eu casei com 20, ia fazer 21, e ele tinha *aquase* três anos a mais do que eu. [pausa e mudança de tema] E era assim a nossa vida...e descalços, a nossa

vida foi sempre descalços. Agora um dia destes até fui a Santarém mais o *mê* filho e disse, *oh António espera aí* – a brincar com ele [sorriso rasgado] – *qu’ê quero ir lavar ali os mês pés à Fonte de Palhais... proque* quando a gente era solteira, e as outras, íamos todas para a Feira da Piedade *c’os* sapatos enfiados no dedo da mão, *c’umas* saias *q’a* gente usava muito *emplissadinhas*, muito pregueadas e enfiadas no braço, chegávamos à Fonte de Palhais, lavávamos os pés, vestíamos as saias e calçávamos. Agora no campo, com gelo, a gente era descalças. Arranquei poucas vezes as cabeças dos dedos por aquelas pedras, às vezes nem as sentia, estavam dormentes... é verdade [suspiro profundo]! O que eu não passei, graças a Deus [encolhe os ombros e concorda com a cabeça]!

LV: Foi uma época muito difícil?

E: O *mê* pai gostava muito de trabalhar e a *nha* mãe. Foi fome, mas a gente nunca passámos fome. Lá ao pé da gente havia muita gente que passava fome. Porque o *mê* pai e a *nha* mãe iam vender o peixe a Alcanhões, outra vez a Alpiarça, era onde calhava. E quando *nha* mãe vinha, já tínhamos almoçado. Ê arranjava uns peixes, a gente tínhamos sempre uns *roibaquinhos*, arranjava aquilo de caldeirada, outras vezes sopas e batatas [pausa]... Pronto!, a gente comíamos e *criámos* bem... Os *mês* irmãos era tudo gente grande, eu é que era mais baixa. Nunca passámos fome. Porque o *mê* pai era muito corajoso, mas havia daqueles que *na* se tiravam ali de pé de casa... pois! Eu sei! [acena com a cabeça em sinal de concordância].

LV: Você nasceu onde?

E: Nasci lá na borda do Tejo, na Barreira da Bica.

LV: O seu marido também?

E: Ele também [acena com a cabeça em concordância]!

LV: Vocês começaram a namorar e tiveram problemas com os pais...

E: Na, na [acena com a cabeça em sinal de discordância]!

LV: Lembra-se como é que foi o seu casamento?

E: Como é que foi o *mê* casamento? É como foi lá todos [gesto de espanto]!

LV: Quanto tempo é que foi o casamento?

E: É três dias de comer, beber e dançar... começava à sexta-feira e levava o jantar – a gente dizia que era a ceia – *ópois* no sábado era o dia do casamento, era o pequeno-almoço e assim...

LV: O que é que comiam nesses dias?

E: No primeiro dia era cozido, com couves e carne. *Ópois* no outro dia já era melhor – carne guisada com batatas, pronto!, *por'í* fora [pausa]... carne de carneiro e vaca...

LV: Peixe não?

E: *Pexe*, não! De *pexe* estava a gente fartos! Olhe que *inda* agora gosto mais de *pexe* de que de carne...

LV: Mas na altura do casamento era para diferenciar...

E: Pois!, no dia do casamento era diferente [acena com acabeça em sinal de concordância].

LV: Que bolos é que faziam?

E: De bolos era assim...a *nha* avó [pausa e mudança de tema]... os pescadores de antigamente eram todos da Vieira... pois!... o *mê* avô morreu afogado lá no mar... foram treze de uma vez que morreram e o *mê* avô coitado nunca mais apareceu. *Ó pois* a *nha* avó veio cá *pro* Tejo. Elas faziam uma safra lá no mar da Vieira e depois quando estava melhor cá vinham *pra* cá. *Ópois* acabaram por ficar, ficou cá ela e pronto! ficou cá muita gente. A *nha* avó ficou viúva com cinco filhos e depois casou outra vez com outro homem... pronto! E era assim...

LV: Você estava para falar dos bolos do casamento...

E: Dos bolos [pausa]!... A *nha* avó sabia fazer aqueles bolos de ferradura, antigamente, não é como aqueles pequeninos de agora... uns bolos assim grandes, com um ovo a uma ponta e com um ovo ao meio. Estes bolos eram

muito bons. Ela sabia fazer aquilo muito bem. A *nha* avó fazia tudo muito bem, faz de conta que era [pausa]...

LV: A sua mãe já não sabia fazer isso?

E: A *nha* mãe já *na* aprendeu, *na*!, a *nha* avó é que sabia.

LV: A sua avó morreu e deixou de haver bolos desses nos casamentos... para o seu ainda houve...

E: *Pro* meu e *pra* muitos [sorriso]. *Ópois* a *nha* avó morreu e depois falavam a outras cozinheiras de outros lados, mais do que uma aqui de Vale de Figueira *tamém* lá iam [pausa]...

LV: E bailes no casamento, vocês contratavam algum músico?

E: Era um acordeonista. Estava lá durante os dias todos. Ele vinha ganhar um tanto e depois também tinha comida. A gente dantes era muito *balhadores*, agora já ninguém [pausa]...

LV: Vocês faziam bailes sem ser na altura dos casamentos, ou era aqui?

E: Fazíamos. Era lá, à borda do Tejo.

LV: Não havia pouca gente?

E: Não. Havia lá muita gente. Também vinham do Patacão e também de Vale de Figueira. Havia bailes ao domingo à tarde...mas esses já não eram com acordeonista, era com uma flauta, mas a gente chamava-lhe um *realejo*. Era uma flauta. Era um irmão do *mê* marido que tocava, o *mê* também sabia tocar isso muito bem, pronto!, divertíamos ali à malta [sorriso rasgado].

LV: Como é que vocês comemoravam o Natal?

E: É como *àgora*. Era velhozes, era coscorões, era a consoada e fazíamos também bailes e era um acordeonista, já vinha um acordeonista. Agora era também durante a semana, ou quando ele lá se lembrava. Havia raparigas que *cantavam* muito bem, faziam os bailes a cantar [pausa]...

LV: E o que é que vocês comiam na noite da consoada?

E: A gente fazia os fritos à véspera de Natal e na noite de Natal não se dormia porque os velhoses amassam-se e tem que estar a massa a levedar e nessa noite é que se faz.

LV: O que é que faziam na Páscoa?

E: No dia de Páscoa comíamos melhor, fazíamos um saquinho pequenino muito bonito com um bordado muito jeitoso, usávamos aquilo para trazer as amêndoas.

LV: Então os rapazes davam as amêndoas...

E: Os rapazes davam as amêndoas à gente. A gente aí é que *na* dava nada. Era uso serem os rapazes a darem as amêndoas às cachopas.

LV: Nessa altura não frequentavam muito a igreja, como é que era?

E: *Na*, *na* íamos lá.

LV: Vocês nunca iam à missa?

E: Nunca íamos lá. Chegaram a ir lá fazer missas campais, *na* sei se já era casada ou se ainda era solteira. Até lá iam padres que andavam ainda no Seminário fazer missas campais. Iam lá ao pé da barraca do *mê* compadre Albertino fazer as missas campais.

LV: Tirando as missas campais, nem por mortes, nem por casamentos, nem por nascimentos os padres lá iam...Todos eram baptizados?

E: Todos.

LV: O senhor padre costumava vir aqui?

E: *Na*, vinha a gente lá.

LV: Faziam uma festa grande na altura dos baptizados?

M. *Na*, era só *pros* padrinhos e *pra* família de casa. Não havia festas como agora [pausa]... Até já fui à ponte da Chamusca para o baptizado de uma bisneta. O último foi acolá pra Almeirim, com um neto, outro já foi aqui à Póvoa [pausa]... dantes era assim, matávamos uma galinha ou um galo ou uma coisa que a

gente criasse, *na* íamos comprar carne [pausa]...os mais novos já iam à catequese porque já andavam na escola e a gente *na* [pausa e mudança de tema].... A nossa escola foi trabalhar. Eu à idade de 11 anos já tinha trabalhado, ferrei a trabalhar e nunca mais deixei, no campo, com enxadas.

LV: Com 11 anos a cavar?

E: A cavar e apanhar vides, as pontas das cepas. Nessa altura *na* tinha força *pra* atar um molhe de vides. Caía gelo, eu *na* tinha força e com o gelo ainda tinha menos. Dava água à cura, com o que a gente chamava uns canecos. Tinha que poder! É verdade, e uma vez até caí. Havia outras primas minhas que me punham o caneco em cima da cabeça. Mas o *mê* pai e a *nha* mãe nunca me obrigou. Eu é que quis ir. Já tenho dito a uma neta que aí tenho, com 12 anos, “*na tua idade eu já estava farta de trabalhar, em casa e tudo*”. A *nha* mãe ia fazer a venda dela e eu fazia tudo em casa. Eu e outra irmã minha.

LV: E na pesca como é que era?

E: Era muito bom ...os *hómes* pescavam de dia com a varina e de *nôte* pescávamos juntos, a mulher é a camarada do *hóme*, quer com as savaras quer com os sabugares, era conforme a época [pausa]...depois da safra lá íamos vender o peixe [pausa]...e eles ficavam a dormir na praia...boa vida, boa vida [sorriso rasgado]!!! Os *hómes* só pescavam e tratavam das redes...e *nós pau para toda a obra* [encolhe os ombros].

LV: Eram as mulheres sempre que vendiam o peixe? Eram elas que geriam o dinheiro em casa ou eram os homens?

E: Eram elas. Eram as mulheres.

LV: Mas quem mandava lá em casa?

E: Dentro do barco eles respeitavam a gente e até gritávamos *ordes*...mas em casa...olhe lá... antes se uma mulher fosse a buscar o *home* á taberna ia a levar porrada até casa....era uma ofensa muito grande [abre muito os olhos]!!!

LV: E quando os homens precisavam de dinheiro para qualquer coisa?

E: Eles pediam às mulheres, *pra* fazer a barba... *pra* um copito, era assim que nós controlávamos o que eles *bubiam*....

LV: Mas havia muita violência doméstica?

E: Ora...havia aquelas que levavam todos os dias !!! O *mê hóme* deu-me muitas vezes e às vezes até me dizia “*Ó Emília amanhã levas mais!!! Porque sempre que te bato no outro dia matas mais uma galinha*” ...Era assim...felizmente já não é.

LV: Bom como vejo que isto a entristece, vamos mudar de assunto. Vocês que andavam no rio e que apanhavam situações de cheias e temporais quando havia grandes temporais e grandes trovoadas...

E: Eu só visto, que contado não tem graça [pausa com atitude de tristeza]...

LV: Vocês conheciam algumas daquelas rezas, a Santa Bárbara ou a S. Gerónimo?

E: Cantava muito isso...a *nha* mãe e a *nha* avó é que ensinavam isso tudo à gente...

Santa Bárbara se alevantou
Seu pé direito calçou...
Nosso Senhor (ou Nossa Senhora) encontrou...
Onde vais Santa Bárbara?
Vou espalhar a trovada...
Santa Bárbara bendita
No céu está escrita...

Já não consigo *arrebanhar* [pausa]... depois rezava-se um Padre Nosso e uma Avé Maria... a *nha* avó sabia muito bem rezar. Ela era da Vieira, elas iam à missa e sabiam a *dótrina*. Ela sabia todas as rezas e sabia todas as coisas... Sabia o pé retorcido, o *cóbrão* [pausa]... mas isso ainda eu faço também...

LV: Você ainda trata o *cóbrão*?

E: O que a gente chamava antigamente *cóbrão*, agora é a zona.

Faz-se assim...Azeite, palha de alho queimada, pólvora preta e *ópois* é... com uma pena de galinha... e *ópois* passa-se aquilo tudo assim [faz o gesto na cintura dela]... e diz-se aquelas palavras

Eu te corto *cóbrão*
Cabeça, rabo e coração
Se é de cobra ou de *cóbrão*
Se é de sapo ou de sapão
Se é de aranhico ou de aranhão

No fim reza-se:

Em louvor de S. Silvestre
Tudo quanto eu faça preste
(e por aí fora...)

LV: Lembra-se da oração ao retorcido?

E: Lembro. Quando é preciso ainda faço...

Eu te coso nervo torto
Nervo torto, carne esmagada
Carne esmagada torna-te a soldar
Nervo que te *retorcestes*
Deus te ponha onde tu *nascestes*
Deus te ponha no teu lugar
Em louvor de S. Silvestre
Tudo quanto eu faça preste

LV: E do quebrante?

E: É um prato com água e depois a gente faz aquela reza... a gente mete-lhe os três pingos de azeite dentro da água. Se os pingos espalharem-se na água a pessoa tem *cobranto*. Dentro daquela coisa do azeite que espalha fica a caveira da pessoa...sério menina !!![gesto de admiração pelo facto de me ver sorrir]... fica a cabeça e os olhos da pessoa. Os olhos e a boca. Benzo-me [faz o gesto de benzar] e digo “*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*”, digo o nome da pessoa e depois digo...

Deus te fez, Deus te criou.
Deste mal que por ti entrou
Se é de *cobranto* ou de inveja
O teu corpo apanhou
Se é na cabeça, Sto. Anastácio
Se é nos olhos, Sta. Luzia
Se é na boca, Menino Jesus

Se é nas pernas ou nos braços, Sto. Amaro
Assim como esta oração foi dita
Se renunciar, Virgem Maria.

Depois rezo um Pai Nosso e uma Avé Maria. Reza-se nove vezes, até aquilo desaparecer. Se o pingo não ficar certinho a pessoa ainda tem *cobranto*.

LV: Você lembra-se de as crianças apanharem a Lua?

E: A *nha* menina teve uma vez *tamém* *cobranto* esteve para *arrebentar* a chorar, ela era muito bonita e eu sei quem é que lhe pôs o *cobranto*. A mulher *na* tinha filhos e *ê* *tive* ó pé dela e ela *na* tinha filhos e tinha muita pena de *na* ter. Nisto a menina começou a chorar muito, a chorar muito, até subia por mim acima e toda lagrimosa e muito vermelha, muito vermelha... *ópois* lá fui ali a outra senhora, curou-me *tamém* o *cobranto* [pausa]... foi o mesmo *cobranto* c'os olhos, foi o que me valeu... dantes havia aqui esta gente assim. A criança não fechava bem os olhos, dormia com os olhos meios abertos, e era o *cobranto* da Lua. Volta-se a criança para a Lua, e depois diz-se:

Lua ou luar segue o teu andar
Deixa a minha menina
Que eu quero criar
Se tu és mãe eu sou ama
Cria-a tu que eu dou-lhe mama.

LV: E a utilização dos chás e pomada para a gripe, para a constipação, para a tosse...

E: Sabe o que é que agora ando a fazer? Nessa altura *na* fazia...Ahn... Eu tenho sinusite... e tenho alergia... qualquer coisita, ando sempre [pausa]... a garganta nunca está boa. Agora ando a fazer e já tenho feito mais vezes: é *êcalipe forvido* com alecrim. E a gente toma o vapor... ainda ontem fiz. Você tem assim a cabeça em cima de uma panela ou de um alguidar que a gente ferve e põe-se uma toalha branca por cima a abafar. *Tapêmos* a cabeça com uma toalha e aguenta-se a gente ali *inté* aguentar. A gente aguenta pouco porque agora é Verão e há mais calor...

LV: E a tosse, como é que se tratava?

E: A tosse [pausa]... já íamos aos médicos por causa da tosse. Mas uma *mézinhas* caseiras, como o *lambedouro* de cenoura... É só cenoura cortada às rodelas e depois uma camada de cenoura e uma camada de açúcar.

LV: Eram os únicos *lambedouros* que vocês faziam?

E: Fazíamos mais. Fazia-se uma laranja com cerveja preta a ferver até aquilo ficar em ponto e *ópois* ia-se comendo... *tamém* para a tosse... laranja *ca* casca, cortava-se a laranja assim em quatro bocados, fervia, fervia, fervia e quando a laranja ficava em ponto, estava bom. Era cerveja preta, laranja e açúcar...

LV: E agora com tanta coisa para afastar os males, diga-me lá uma coisa quando a gente morre o que nos acontece?

E: A gente morremos...mas a nossa alma *na* morre !!! A gente tem de acreditar nestas coisas, porque há tanta coisa que se diz dos *xpritos* ou lá o que é....

LV: E você sabe fazer desaparecer esses espíritos?

E: É assim: *Vai p'ó Mar! Vai pó lodo! Não venhas castigar quem ta cá neste mundo!!!*

LV: Vamos mas é mudar de assunto, não venham eles por aí....

E: Pois ..pois [sorriso aberto]!!!

LV: Vamos então falar da criação. Criavam mais alguns animais para além dos de capoeira?

E: Era coelhos, carneiros também tínhamos... e às vezes também tínhamos umas cabras... porcos, mas os porcos eram *pra* a gente criar e vendermos, a ver se vinha mais algum. Bezerros...também cheguei a criar... Não se comiam, era *pra* vender. Aqueles porcos, a gente metíamos ali meias carnes, a gente via e quando tinham para aí 4 meses íamos à feira com eles... pelo campo abaixo ouviu?, pelo campo abaixo, íamos à feira quando era ali ao pé da Ribatejana em Santarém. A gente *íamos* a andar até lá pra onde é que fosse... íamos a pé pra Santarém.

LV: Tinham vinho?

E: Íamos ao rabisco para fazer água-pé. Íamos também às azeitonas [pausa]...a gente tínhamos sempre azeite todo o ano. As cachopas dantes *arrebanhavam* muito para casa [pausa]...agora é a escola e pronto. Agora se quiser azeite tenho que o comprar [abana a cabeça]. Cheguei a apanhar 300 litros de azeite, era *no partido*, e andava tanta gente... ficava a gente com 50 e ficava ele com 75 litros. Agora é que já não é assim em certos sítios. Era um acordo feito com o dono, há muito ano. Ao partido, era uma *pro* patrão e era uma *pra* gente. Dantes até era mais, duas *pro* patrão e uma *pra* gente. Também cheguei a andar no José Infante com um *pra* gente e dois *pra* eles. E era com aqueles cestos [pausa]... antigamente era assim [suspiro]...

LV: Jogavam o Carnaval?

E: Jogávamos, jogávamos. Ensaíávamos, se era um *hóme* vestia roupa de mulher e se era mulher vestia roupa de *hóme*. Mesmo à borda do Tejo a gente ensaiava-se à mesma. Algum andava a cavalo nos burros... Era a brincar uns com os outros, a festejar o dia de Carnaval. Mascarrávamos a cara, púnhamos palha na cabeça [pausa]....Olhe lá não se estará a fazer tarde?

LV: Pronto, não a vou maçar mais, já está cansada. Muito obrigada pela sua colaboração!

Fim